

atuaarte iv índice

escrita criativa



03 ATUAARTE

Apresentação sucinta dos objetivos do concurso, o seu formato e método de avaliação utilizado.

04 JURADOS

Perfil dos jurados e respectivos comentários acerca da presente edição.

06 ESCRITA

Catálogo de escrita criativa com algumas notas adicionais dos participantes sobre os trabalhos.

89 ESTATÍSTICAS

Conjunto de dados gerais sobre o concurso.

ATUAArte

sobre o concurso:

O ATUAARTE é um concurso de fotografia, escrita criativa e desenho destinado a jovens dos 15 aos 35 anos. Tem como principais objetivos potenciar e comemorar o talento dos jovens e de trazer a arte ao nosso concelho. No seguimento desta linha de pensamento, foi decidido que são admitidos trabalhos de pessoas de fora do concelho, de forma a tornar o concurso mais desafiante e rico em termos de competição, bem como trazer ainda mais arte à cidade.

Cada participante pode submeter um máximo de 3 trabalhos por categoria, sendo estes avaliados por um painel de jurados composto por personalidades que dedicam o seu trabalho a um desses três ramos artísticos e que não têm acesso à identidade dos participantes.

**DE JOVENS PARA JOVENS, INSPIRANDO
AÇÕES PARA O FUTURO
- ATUAÇÃO**



FILIPE L. S. MONTEIRO

Químico, escritor e mágico

Obras Infantis:

- O Menino que Sonhava Salvar o Mundo (2011), livro que já vai na 7ª edição)
- Mestre Carbono, o Cientista (2015), livro aprovado pelo PNL
- O Brinquedo que Estava Esquecido (2017)

Romances:

- O Segredo da Serra dos Candeeiros (2014)

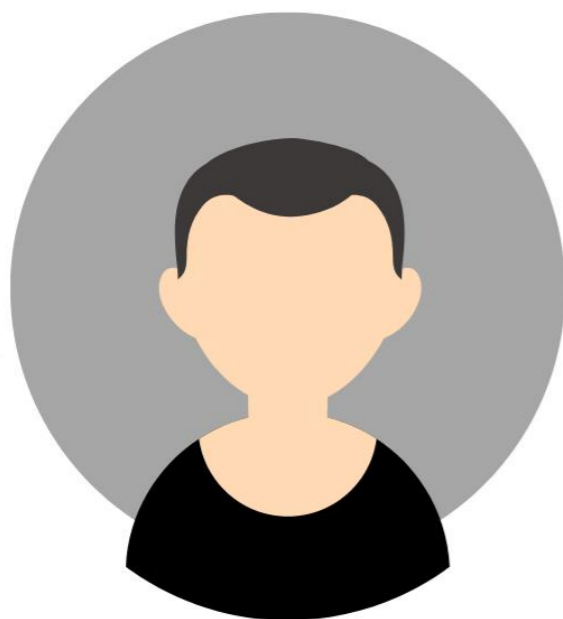
"É com enorme honra que tenho integrado o painel dos jurados nestes últimos três anos do concurso de Escrita Criativa promovido pela ATUAÇÃO - Associação Jovem de Rio Maior, assistindo com enorme satisfação quer ao crescente número de jovens a aderirem a esta iniciativa, quer ao aumento na qualidade das obras apresentadas a concurso. De facto, a avaliação dos textos tem vindo a ser, de ano para ano, mais complexa, em consequência precisamente desse incremento qualitativo dos mesmos. Tal é sinal inequívoco da dinâmica que a Associação Jovem de Rio Maior tem promovido junto dos seus jovens, conseguindo atrair cada vez mais pessoas para estas iniciativas e, principalmente, revelando as suas enormes aptidões e capacidade criativa.

Tem sido, pois, uma honra acompanhar e avaliar todos estes trabalhos dos diversos autores que, seja na forma de prosa ou na poesia, têm vindo a comprovar a enorme veia criativa que os jovens Rio Maiorenses inegavelmente possuem. E esta, não duvido, é consequência, precisamente, da existência de iniciativas como esta.

Que assim continuem por muitos e bons anos, a bem da arte e da criação literária, pois não tenho dúvidas que daqui sairão muitos e bons autores. Obrigado por me terem permitido fazer parte deste processo.

Aveiro, 31 janeiro 2021 (Dia de S. João Bosco, patrono dos Mágicos)

Filipe LS Monteiro"



SÉRGIO RODRIGUES

Professor de Português

Licenciatura em Línguas e Literaturas
Clássicas da Faculdade de Letras da
Universidade de Lisboa

Pato de Poeta

Ana Marques

1ª SITUAÇÃO

A navalha que perfura a mão
cinza metálica, envolta em tempo
abre a primeira camada, -o golpe suplicante-,
de pele dúctil, numa sobreposição de narrativas

O sangue tépido, vagaroso, segue a pincelada
descendente pela palma, de encontro ao roubo dos membros

E ao vestir o cigarro, olhava o corte de soslaio para não mais
verter o líquido intangível; volvia a escrever, tasteava a aresta,
a lembrar o dano

Da prestidigitação faz-se o conto mais compacto, intacto na sua
artificialidade, e o mar que
aqui descobrem, saúda-se como um bom anfitrião, aponta para a segunda
sala, essa mais
decente, enquanto perdem o rosto do primeiro ato que atemporalmente
mutila a mão oficiosa.



2ª SITUAÇÃO

Prossegue a suster a respiração:

Na tentativa de ser, outra vez e pelas vezes que tardarem, o que chora do ventre para os braços inquietos das silhuetas néons, quadros imprevisíveis, emprestados da madrugada, para neste sofrer, pintarem o amarelo evadido

Soliloquia:

-Posso afirmar-vos o que não sou. Não sou burguês ou banco de jardim, três pontas da cómoda, sangue, seiva ou qualquer líquido, não sou, portanto, absinto, ou lixívia, ou as ruelas, os portões, a tua pele, a cinza, o relógio, o acabar...

Conta as janelas que se apagam no negro mar de prédios, tinge o corpo ressentido dessa ausência de moção; esquece-se de respirar

O papel toca a fronte, deambula pelo quarto apinhado, na procura de poiso Comove-se e aguarda a metamorfose desta cal flavescente, tom de náusea; da vida para o viver que se jorra.

3ª SITUAÇÃO

As sobras de sonhos seus, cristalinos esboços de ser

(Avant la lettre)

Pernoitam no leito macio daquele velho caderno castanho, calçado a rabiscos semiacabados, deixados ao acaso, para nunca mais lhes pegar, ou olhar, ou arder

(Avant la lettre)

E no café matutino, cava lentamente os dedos no excedente da onça semeado na gaveta para um futuro apego de lábios, de dedos; do toque ao paladar; sobeja-se

Antes de sucumbir, é-lo na sua efemeridade impotente, e tão bem o é, que não há viva alma que lhe note os beijos violentos da lamina abismal.

A mulher-a-dias

André Paiva



mulher-a-dias levou a chave

à fechadura, rodou a maçaneta. Trazia os dedos engelados, infestados de um odor alcalino, os dedos engelados da véspera. As janelas da casa estavam fechadas, as persianas corridas, a mobília em penumbra. Respirava-se um cheiro mau, morno, de coisas deixadas a meio.

Tinha a manhã para limpar a desarrumação, a manhã apenas. Com eficácia, em silêncio. Na mudez costumeira de quem é presença apenas por utilidade, três horas por dia cinco dias por semana. De quem não deve demorar-se para lá das competências manuais. Por isso a mulher-a-dias pendurou os seus pertences na marquise e colocou o avental ao pescoço. Cingiu-o aos rins, inspirou fundo, olhou para o chão, expirou. Depois calçou as luvas.

Começou pela cozinha, pelo castelo de loiça suja, pela mesa indigesta qual arena de migalhas. Passou a esponja pelos pratos, pôs os que couberam na máquina, o resto no escorredor, deixou o metal da banca a reluzir, abriu a janela sacudi a toalha ajeitou as cadeiras ao lugar certo. Tudo em passos fugazes. Em passos de quem circula pelos bastidores, duas solas de silêncio.

Durante essa manhã abriu janelas, sacudiu tapetes, vassourou o chão, aspirou o pó, molhou os cabelos da esfregona, encerou o soalho do salão, despiu e calçou as luvas sempre que exigido, fez camas de lavado, pôs roupa no secador, sobre a tábua de passara ferro, encapou os sofás, removeu a poalha das mobílias dos abajures das lombadas dos livros nunca lidos, poliu as pratos, regou as plantas da varanda, desafogou ralos,

passou um pano com lixívia pelas porcelanas da casa de banho, hasteou o espanador aos últimos retoques, indefectível como sempre, guardou o lixo nos sacos do rolo, encostou os ao umbral da porta, despiu as luvas pela última vez e passou as mãos por água. Passou as mãos por água quente e sabão, a pele trilhada de gretas, os dedos sem tacto de há anos. No fim, despindo o avental, pegou no casaco, na carteira, e saiu.

Enganchara nas mãos as alças do lixo quando reparou numa mancha sobre a pedra. Um ponto negro sem origem sobre o degrau da entrada, cemitério de todas as cores. Regressando à marquise do apartamento, trouxe o desengordurante e uma espátula, calçou as luvas. Ao erradicar a nódoa, contudo, reparou que o piso do andar se enchia de poeira. De algo imperceptível, mas que tinha espessura. Então a mulher-a-dias foi buscar o balde e a esfregona. A sua obrigação era limpar.

Limpou o piso marmóreo, os degraus que desciam, os degraus que subiam, os pisos de cima e debaixo, o rés-do-chão, varreu o terraço com os vasos dos antigos inquilinos e ainda o habitáculo do elevador. Munida da pá, da vassoura, do carrinho de limpezas que entretanto retirara do anexo das garagens, varreu a entrada do prédio, a escadaria para a praceta, a entrada do prédio em frente e a de todos os outros prédios do quarteirão.

Enxugando o suor da testa, depostos os sacos do lixo nos contentores, a mulher-a-dias continuou a limpar.

Curvada de compenetração, varreu passeios, lancis, bueiros. Varreu as ruas do bairro e todas as ruas da cidade. Limpou parques de estacionamento, jardins municipais, parques infantis e desportivos, adros de feira, cemitérios, casas de banho públicas, igrejas e coretos. Hospitais, escolas, universidades, museus, repartições de finanças, cinemas teatros pavilhões desportivos, restaurantes e cafés. Raspou paredes e muros de negrumes antigos, oxidações, dos excrementos de pombos, deu vida à fachada dos edifícios e às estátuas dos monumentos. Limpou canteiros, bocas-de-incêndio, marcos do correio cabines telefónicas parquímetros inclusive. Passou um pano por todos os bancos com que se cruzava, apanhou as beatas lançadas para as frestas das calçadas. Varreu a estação dos comboios, a rodoviária, e as paragens dos autocarros. Sempre atenta, concentrada, corcunda sobre a sua missão, empurrando o seu carrinho com braços tenazes e mãos enluvadas. Limpava as minudências do espaço

livre, os cantos e os vértices, e à medida que o fazia atraía a sujidade, ficando o esforço do seu trabalho embutido nas suas roupas. Como que bronzeado pela sombra, o seu rosto ia também escurecendo.

Limpou as bermas das estradas, as valetas, as alçadas dos viadutos, os perímetros das rotundas, os carris e as travessas dos caminhos-de-ferro. Limpou aeroportos e portos de pesca. Limpou os esgotos. Varreu as fábricas despedaçadas de vidros, endireitou construções esbarrondadas, extinguiu aterros. Tapou as pedreiras e a minas abandonadas, arroteou os terrenos baldios, livrou as florestas de presença humana. Despoluiu os lagos os rios e as ribeiras. E entanguida de sujidade, alquebrada pelo peso de um segundo corpo a ela agarrado, negro de crostas, atingiu os píncaros da força humana.

Era uma manhã de poucas nuvens, tela de azul e maresia. Deixou-se cair sobre a areia, de frente para o mar. A mulher-a-dias. Ficou sepultada entre a espuma das ondas, um corpo da cor do alcatrão.

Pouco passava das nove da manhã quando, no dia seguinte, os primeiros vultos desceram ao areal. Um homem e uma mulher. Veraneantes, de toalha ao ombro e óculos de sol, os primeiros do dia. A passo lento cruzavam a língua de areia, na direcção da mancha escura, a certa altura tomaram o desvio para as dunas, enterrando o guarda-sol aí perto. Desembaraçando-se dos chinelos, da lancheira, enquanto estendiam as toalhas, fixaram os olhos noutra ponta da praia, junto à arriba, na franja da rebentação.

– O que será aquilo? – perguntou ela, ajeitando o cabelo com um elástico, de olhar afiado nessa distância.

– Uma bóia de pesca, um animal. Um pedaço de lixo... Não sei – disse ele, despindo a camisola, virando a cara na outra direcção, acrescentando com um sorriso: – Pões-me creme nas costas?



Páginas do diário fragmentado na caixa do meio

António Couto

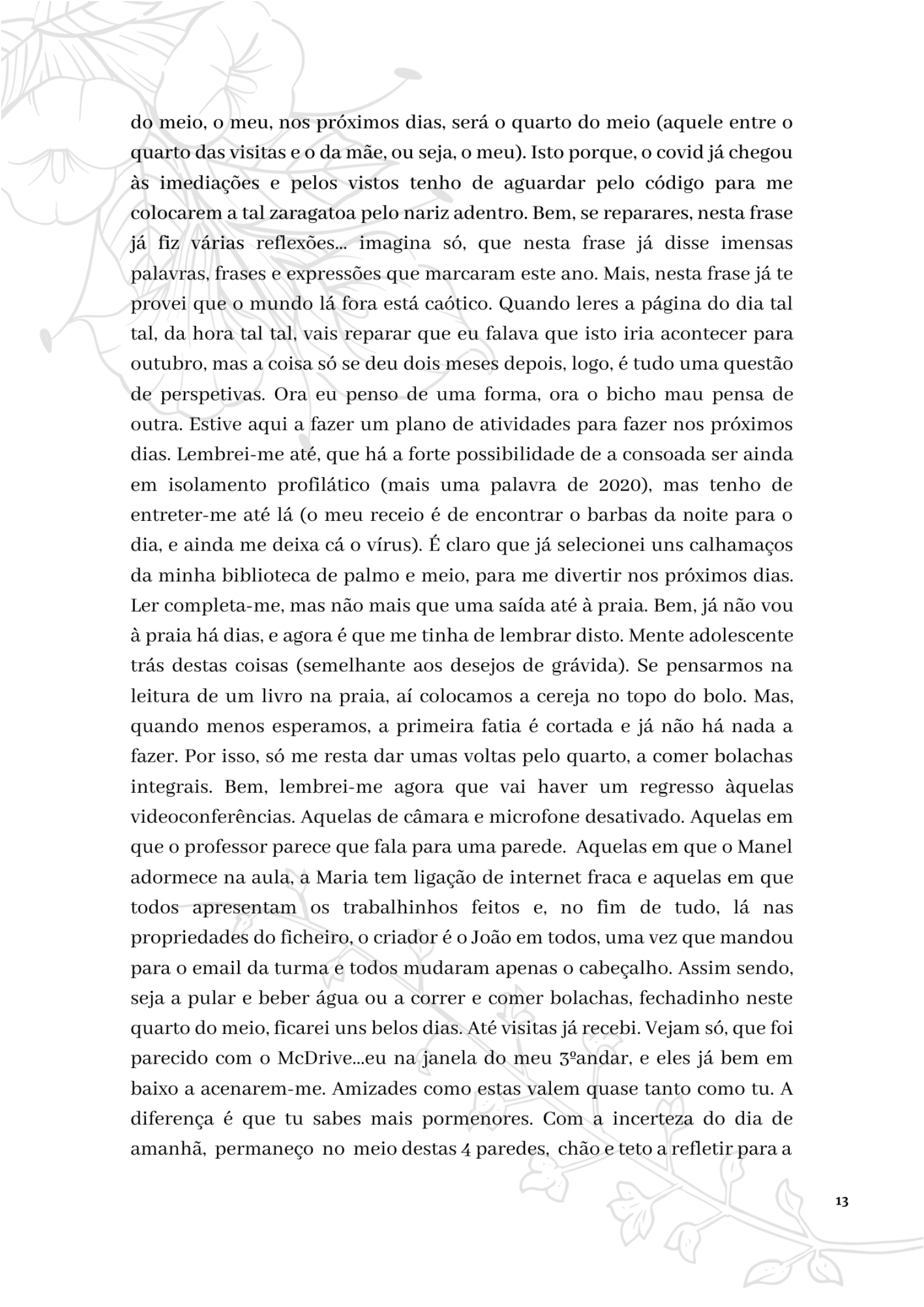


uarto do meio, 13 de dezembro de 2020

Meu querido espólio de desgraças diárias,
Voltei, para te completar. Certamente que não escapas aos meus escritos. Já reparaste que o teu destino é muito melhor que o meu. Enquanto tu, após seres dobrado, vais parar àquela caixa, onde existem

muitos mais como tu, e lá ficas. De vez em quando, vou visitar-te, mas a tua vida é muito melhor que a minha. Quando está frio, na caixa está calor, quando está calor, na caixa está frio. Quanto a mim, já não se pode dizer o mesmo. Aposto que vais delirar ao ler tudo aquilo que está na caixa do meio. Em breve, terei de mudar de caixa. A dúvida prendesse em qual das caixas irei colocar isto. A de cima, obviamente que está exposta a todos os acontecimentos do dia a dia e poderá facilmente ser descoberta, mas a de baixo, se me vierem assaltar a casa, será o sítio onde os ladrões pensam que guardo a minha fortuna e o meu tesouro (mal sabem eles que o tesouro maior se encontra na caixa do meio). Como é habitual, passo sempre o dia a falar mal para ti, dizendo que a minha vida é pior que a tua e aqueles meus momentos irónicos... jamais me imaginaria fechado numa caixa o dia todo. Mas, se tivesse mil e uma folhas com desgraças diárias para ler, não me importava. – Ler é a minha perdição, mas não é como o amor! Hoje a desgraça que te trago não é das melhores, nem das piores. É dia de reflexão, daquelas maravilhosas... Até tu, mesmo sendo imortal, já pensaste nisto! Sabes que o meu atual destino é muito semelhante àquela que será o teu. Ainda não percebeste? Eu explico-te. Enquanto o teu destino será a caixinha





do meio, o meu, nos próximos dias, será o quarto do meio (aquele entre o quarto das visitas e o da mãe, ou seja, o meu). Isto porque, o covid já chegou às imediações e pelos vistos tenho de aguardar pelo código para me colocarem a tal zaragatoa pelo nariz adentro. Bem, se reparares, nesta frase já fiz várias reflexões... imagina só, que nesta frase já disse imensas palavras, frases e expressões que marcaram este ano. Mais, nesta frase já te provei que o mundo lá fora está caótico. Quando leres a página do dia tal tal, da hora tal tal, vais reparar que eu falava que isto iria acontecer para outubro, mas a coisa só se deu dois meses depois, logo, é tudo uma questão de perspectivas. Ora eu penso de uma forma, ora o bicho mau pensa de outra. Estive aqui a fazer um plano de atividades para fazer nos próximos dias. Lembrei-me até, que há a forte possibilidade de a consoada ser ainda em isolamento profilático (mais uma palavra de 2020), mas tenho de entreter-me até lá (o meu receio é de encontrar o barbas da noite para o dia, e ainda me deixa cá o vírus). É claro que já selecionei uns calhamaços da minha biblioteca de palmo e meio, para me divertir nos próximos dias. Ler completa-me, mas não mais que uma saída até à praia. Bem, já não vou à praia há dias, e agora é que me tinha de lembrar disto. Mente adolescente trás destas coisas (semelhante aos desejos de grávida). Se pensarmos na leitura de um livro na praia, aí colocamos a cereja no topo do bolo. Mas, quando menos esperamos, a primeira fatia é cortada e já não há nada a fazer. Por isso, só me resta dar umas voltas pelo quarto, a comer bolachas integrais. Bem, lembrei-me agora que vai haver um regresso àquelas videoconferências. Aquelas de câmara e microfone desativado. Aquelas em que o professor parece que fala para uma parede. Aquelas em que o Manel adormece na aula, a Maria tem ligação de internet fraca e aquelas em que todos apresentam os trabalhos feitos e, no fim de tudo, lá nas propriedades do ficheiro, o criador é o João em todos, uma vez que mandou para o email da turma e todos mudaram apenas o cabeçalho. Assim sendo, seja a pular e beber água ou a correr e comer bolachas, fechadinho neste quarto do meio, ficarei uns belos dias. Até visitas já recebi. Vejam só, que foi parecido com o McDrive...eu na janela do meu 3º andar, e eles já bem em baixo a acenarem-me. Amizades como estas valem quase tanto como tu. A diferença é que tu sabes mais pormenores. Com a incerteza do dia de amanhã, permaneço no meio destas 4 paredes, chão e teto a refletir para a

próxima página. Quanto a ti, parece que está na altura de mandar beijinhos, não é! Gosto tanto, mas tanto de ti, que se o barbas entrasse por aqui, eras tu a primeira vítima do covid trazido por ele. E reclamas pouco, porque tua obrigação é ouvires e calares. Adeus querido espólio de desgraças diárias, dorme mal.



Papagaio de papel

Catarina Aires



Gosto de sonhar que consigo voar.

Tenho asas que me crescem das omoplatas – de penas grandes e suaves, pintalgadas com o mesmo brilho prateado da lua refletida no mar –, e com elas percorro os céus de norte a sul. Tenho um canto de pardal e os restantes pássaros respondem com as suas próprias melodias. Sinto que me torno intocável, insignificante no meio de tanto azul e, por conseguinte, livre como só as criaturas que habitam os céus podem ser. O céu é meu e eu não sou de ninguém e isso, no sonho, deixa-me feliz.

Sempre gostei da sensação de tocar no impossível com os dedos imaginários de sonhos que nos traçam sorrisos inesperados nos lábios. Todavia, cedo percebi que o que eu realmente aprecio é o que vem a seguir. O momento em que me apercebo que estou a sonhar, da desilusão que apaga o sorriso ao lembrar-me que voar nunca se encontrou ao meu alcance. A verdade é que o céu que me traz mais conforto é um pintado de cinzento pálido, nublado, o tipo de céu que apaga as sombras das paredes, da calçada.

Gosto de estar consciente que não sou ave para ter as suas asas, e nunca gostei de cantar.

Eu sou mais como os papagaios de papel com que brincamos em criança, que nada podem fazer senão deixar-se levar pelo vento, divididos entre apreciar a viagem e desejar que acabe. E acaba, há sempre um momento em que o vento acalma, mas como quando a vida nos concede desejos, estes vêm virados do avesso e com certas partes em falta, a viagem chega ao fim e

nunca é como se espera. Os papagaios acabam todos presos a árvores – porque o vento é impiedoso e não acalma quando queremos – e lá ficam para sempre, porque a criança já se esqueceu com o que brincava.

A criança é reconfortada, braços familiares vão em seu socorro, afugentando a tristeza, mas a criança crescerá, e é assim que somos todos introduzidos à cruel realidade. Achamos que a vida é um sonho, e de repente perdemos os nossos papagaios de papel, deparamo-nos com a desilusão. Afinal, quem sofreu mais naquele dia, o papagaio esquecido entre a folhagem densa de um carvalho, ou a criança que descobriu que viver é permanentemente perder?

Gosto de sonhar que consigo voar.

Mas gosto ainda mais de acordar. Gosto de perder as asas para o despertar repentino, dever a fantasia a desfazer-se atrás das minhas pálpebras, um voo interrompido pelo petróleo que o aprisiona entre várias camadas de amarga realidade. Gosto de me lembrar todas as manhãs que a única coisa que tenho em comum com os pássaros é a gaiola em que inevitavelmente acabamos todos presos, e a vida é assim e desejar algo mais é desejar viver condenados a uma perpétua desilusão.

Como um malmequer

Catarina Aires

Hoje, pela primeira vez em muito tempo, não escrevo sobre ti. Escrevo para ti. Para falar de mim. Venho falar-te da montanha que tenho tentado subir, de todas as colinas que já desci, dos vales onde caí. No fundo, venho falar-te um pouco sobre esta terra onde me deixaste, onde eu tive de viver até querer viver.


Durante muito tempo, vento agreste foi tudo o que eu senti. Picava-me os olhos, secava-me a pele e, nos piores dias, derrubava-me a casa, enterrando-me debaixo dos escombros. Eu lá ficava, respirando o pó que me sufocava, que me tomava como sua. Deitada na miséria, contava os segundos até o teu regresso, deixando-me esquecer que o que eu vivia era um coração partido, e corações partem-se na solidão – tu nunca voltarias a atravessar aquela atravessar aquela porta. Eventualmente, também o chão se cansava e expulsava-me sem cerimónias, fazia-me rastejar. Eu emergia como uma sombra envelhecida, cinzenta do pó ou da tristeza. Mas mesmo acima da miséria, tudo me parecia igual. O céu lá fora era carvão e a chuva ácido que cavava sulcos no meu telhado refeito. A terra era infértil e rejeitava-me, enquanto eu rejeitava outro tipo de vida.

Como vês, não morremos só quando deixamos de respirar. Há tantas pequenas mortes, tão subtis – não é de admirar que a ignorância das pessoas as faça pedir sorrisos a alguém que se encontra a passar por uma. Durante muito tempo, vento agreste foi tudo o que eu senti, e pequenas mortes foi tudo o que vivi. Sabes que tudo poderia ter sido evitado? Se ao menos eu soubesse que tudo o que eu precisava era apenas do meu amor.

ol Descobri-o há uns dias. Não sei quanto tempo permaneci no vale, presa no poço para onde me atiraste. Não te vou contar quantas vezes caí ao tentar sair, dos meus braços cansados, dos meus joelhos esfolados. Não te vou contar sobre as vezes que pensar em time fez desistir. Conto-te apenas que, há uns dias, abriu-se um buraco no meu céu de carvão e, com cautela e algo nervosa, segui o raio de luz, como um animal ensinado a desconfiar da bondade.

Atravessei o meu quintal e ali, a quatro passos de distância, um pequeno malmequer lutava pela vida. Ajoelhei-me ao seu lado e disse-lhe, entre lágrimas e soluços, que toda a minha água o envenenaria. Exalando pela última vez, as suas últimas palavras foram que bem me queria. Assisti à sua raiz a libertar-se lentamente do pequeno círculo verdejante que despontava da terra, assisti à descoberta da sua liberdade após a morte, enquanto se deixava levar ao ritmo da dança de um vento suave.

Nesse dia, com os olhos finalmente limpos, percebi que não queria mais continuar a morrer dia após dia, qual flor fadada a bem querer alguém que nunca, nunca a bem estimaria.



Pedido à solidão

Catarina Aires




Sabes, as pessoas vão-se. As pessoas são como a água salgada que se acumula nas palmas das minhas mãos e me escorre por entre os dedos. Os sonhos, esses que ainda tentei atar ao meu pulso, com dedos teimosos de quem já deixou escapar a água, inevitavelmente acabaram por esvoaçar para longe do meu alcance. Sonhos por sonhar que, tão leves como papagaios de papel, se deixam levar ao ritmo do mesmo vento que me foi prendendo ao chão.



Os dias passam-se nos tons monocromático de um céu de inverno que eu já não vejo, e a vida, cautelosa, vai-se escapando lentamente dos meus pulmões, esfumando-se diante dos meus olhos. Como vês, eu vivo dentro do silêncio ensurdecedor que se faz dentro da casa de quem se esqueceu de viver.

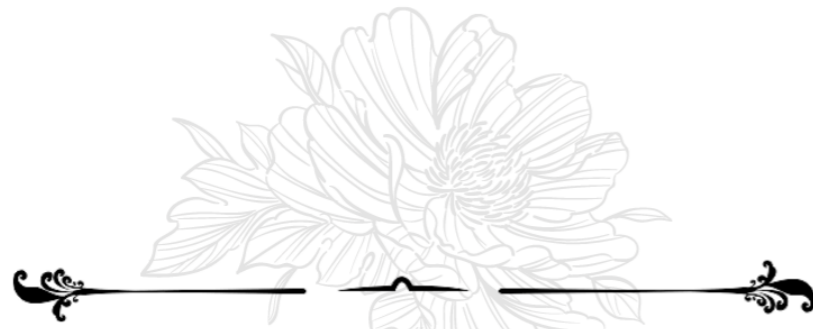
Nunca me dirigiram palavras de despedida. E eu ansiava por uma despedida, um último cruzar de olhares, uma explicação para o meu abandono. Que tollice a minha. Ninguém sedes pede quando acha que é a última pessoa a abandonar o local, e agora eu sei que, um dia, com passos lentos sobre o soalho, como se ainda restassem pessoas que eu receio acordar, abrirei a porta das traseiras desta casa e também eu partirei para algo melhor que eu.

Solidão, a verdade é que, apesar de insistir que ainda cá estou... Quando me vejo ao espelho, já só te reconheço a ti. No reflexo, quando tudo o resto se vai lentamente desprendendo de mim, eu vejo sempre o teu sorriso distorcido pela dor que se balança no canto dos meus lábios. Solidão, na calçada, é a tua sombra que me segue, e no escuro, é o teu toque que eu sinto, a que me reconforta com dedos frios.



Solidão, porque é que és a única que nunca me deixou sozinha?
Solidão, quando eu decidir partir, ficas? Ficas porque és mais forte e podes fingir por mim?



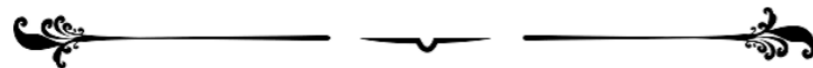


Com estes trabalhos pretendo levar aos leitores três reflexões de uma mente carente. Quando escrevo, é comum encher os meus textos de esperança e desilusão, acreditando que, quando há um, o outro também lá estará.

Tento sempre escrever com toda a sensibilidade de que sou capaz, deixando no papel um pouco de quem eu sou e do que me colore os pensamentos.

Espero que os meus trabalhos possam ser apreciados com o olhar do coração, e que sirvam de conforto a alguém do mesmo modo que escrevê-los me confortou.

- Catarina Aires



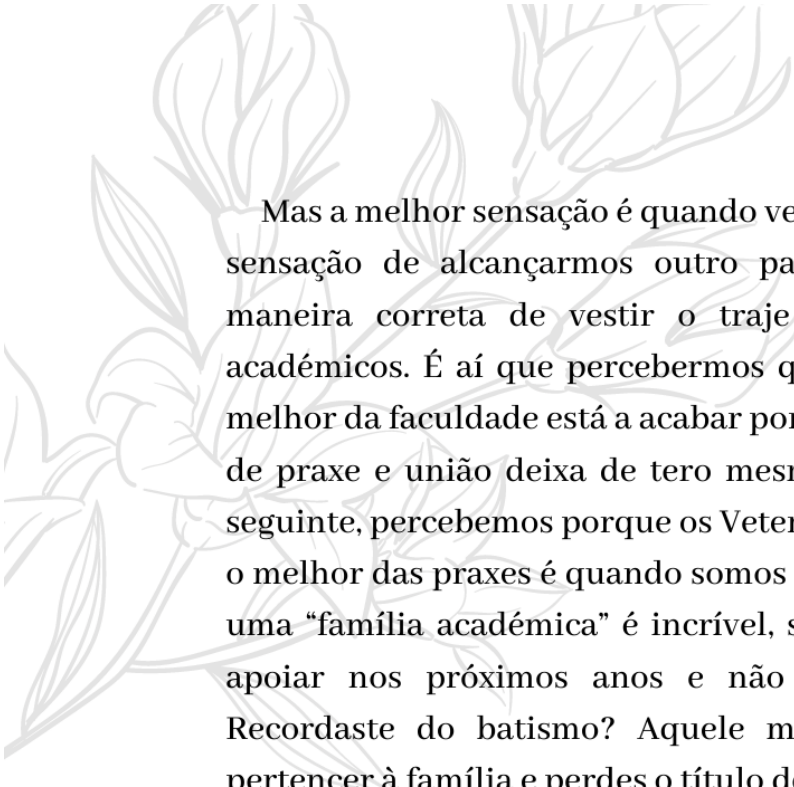
Vida Académica deixa saudade

Cristiana Teodoro



e soubesses que daqui a uns anos estarás a terminar a faculdade, lembrarás de cada dor de cabeça e cada trabalho, das risadas e copos de meia-noite, das amizades e companheirismo que descobriste na praxe. Sim, as praxes... Lembraste de como chegaste com medo de não ser aceite e que estavas sozinho? Pois é, não eras o único, mas isso não te impediu de começara falar com esta e aquela caloiria e perceber que estavam todos em pé de igualdade. Foi tão pertencer a alguma coisa e saber que não estamos sozinhos, e festejar junto com os teus companheiros. Se soubesses que ia saber tão bem o sabor do sucesso e das boas notas, de apresentar um trabalho com todos a aplaudir e do nervoso miúdo que sentias quando havia um teste ou exame, tudo isso e muito mais...

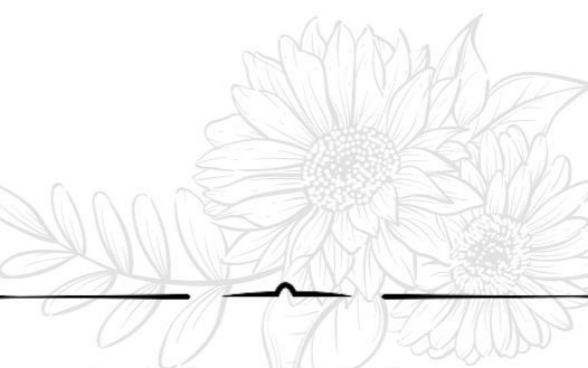
Quantas noites te divertiste com o pessoal da praxe, sabendo que eles iriam gozar contigo, mas provavelmente estavam tão mal ou pior que tu (sim, a bebedeira tem dessas coisas). Vais dizer que não te ris, quando te lembras da queda do teu amigo no passeio ou da tua companheira de quarto partida de bêbeda sem conversas de jeito? E o caminho que foi tão rápido para o jantar decurso e os 20 minutos do regresso, transformaram-se em 1h de caminho porque estão tão felizes e a leste do paraíso que o mundo roda como um pião e vocês vão aos ziguezangues. O hino académico, as praxes e as amizades tomam o sabor da vida e da saudade porque são nestes tempos que vivemos situações que nunca vamos esquecer, desde o jantar trágico de bêbeda, à queda no meio da rua e as conversas sobre professores mais chatos da faculdade.



Mas a melhor sensação é quando vestimos o traje a primeira vez... Aquela sensação de alcançarmos outro patamar na hierarquia, memorizar a maneira correta de vestir o traje e pregar os primeiros emblemas académicos. É aí que percebermos que as praxes estão a acabar e que o melhor da faculdade está a acabar porque passarás a Veterano, mas o sabor de praxe e união deixa de tero mesmo sentido. Sim, é verdade... No ano seguinte, percebemos porque os Veteranos e Veteraníssimos nos dizem que o melhor das praxes é quando somos caloiros. Viver para se sujar e receber uma “família académica” é incrível, saber que temos alguém que nos vai apoiar nos próximos anos e não estamos sozinhos nesta aventura. Recordaste do batismo? Aquele momento que passas oficialmente a pertencer à família e perdes o título de caloiro...

Conheci em tempos, uma rapariga que te diria que o curso que está a tirar não é o sonho dela e que ela queria viver da arte, ser pintora ou desenhadora, mas o seu pai disse “Os artistas só são reconhecidos depois de mortos”. Ela entrou num curso de Educação Básica, logo ela que nunca foi boa a português, mas tinha um espírito maternal enorme e isso a fez tentar até ao fim. Foi muito duro sobreviver num curso que sentimos que não é o nosso, mas ela mudou de ideias quando se sentiu integrada num contexto em que as crianças a amavam e ela as amava de volta. O seu coração se rendeu às crianças e à possibilidade de por à prova o seu instinto, e surpreendeu-se com as ideias para mudar a educação de cabeça para baixo.

No final, ela não pode ignorar o companheirismo e as boas lembranças dos últimos anos, o curso deixou marca e deixou as melhores memórias, por isso, a Bênção das Pastas ao lado de todos os que estiveram no mesmo barco da praxe e sentir “Eu Consegui!” é incrível. Cantar a última vez o hino académico da faculdade e representá-la, magoa o coração mais que ela poderia ter imaginado e isso é algo que só sentimos quando amamos os anos que passaram e sentimos saudades desses tempos. O reconhecimento do sucesso é ótimo e estar lá com a família que te acompanhou e os amigos que te apoiaram é ainda melhor. Lembraste de partilhar esses momentos? Não tem palavras que expliquem e nem haverá sentimentos suficientes para exprimir o que sentimos nesses tempos e agora. Se soubesses tudo isto, meu filho, não querias ir para a universidade?



A arte é um superpoder que sempre me permitiu ver o mundo numa perspectiva diferente, (...) a escrita fala o que não conseguimos expressar e entende o que ninguém pode compreender.

- Cristiana Teodoro



As Damas do Lago

Crônica Autoantropógica

Uma ruiva, uma morena. Fogo e terra. Ambas criadoras de vida, caminhando por entre os demais elementos da criação primordial. Uma é fada encerrada na torre, a outra é rainha do ventre primordial. Cada uma com sua função. Uma segura a espada, a outra desfere o golpe.

Cabelos de fogo mal-amados, Elaine de Astolat! Ela senta-se e tece a tapeçaria infernal, infundável. Para uns, delicado artesanato de magia. Para ela, uma prisão. Na torre, presa, não pode sair. Nunca conheceu nada além do espelho. Por vezes, no Verão, quando entra uma suave brisa pela janela, ela debruça-se pelas paredes de pedra e aprecia a tarde solarenga. Não precisa de horários, mas não abandona a rotina. Acordar com o sol e como sol deitar, tecer da luz até à escuridão. Por vezes, através da escuridão. Não pode passear pelo mundo, mas dele ouve notícias, e sabe. Ela sabe quantas mulheres se sentam, como ela, desde o nascer ao pôr-do-sol, trabalhando os seus teares, os seus labores. Se saírem das suas torres, nada acontecerá: simplesmente não terão o que comer, não terão o que beber, não terão como viver. Se Elaine sair da sua torre, sabe que morrerá. Se as mulheres saírem dos seus teares, morrerão também. Mortes diferentes, é certo, mas o mesmo desfecho. Elaine tem pena das mulheres prisioneiras. Gostaria de as poder ajudar, de as reunir consigo. Todas juntas, sentadas lado a lado, trabalhando à luz da mesma vela, talvez a pena se tornasse menos pesada. Teriam algo que partilhar. Ela dedilharia o tear com os seus dedos de fada e contaria a história do seu cavaleiro. Vira-o um dia, através do espelho, cansada de sombras. Decidida estava a

partir. O fim inevitável viria, mas o cansaço era maior. Aquela existência, sempre igual, sempre eterna, já não lhe era aprazível, ou sequer desejável. Estava cansada, Elaine de Astolat. Queria viver, mesmo que, para isso, a própria vida lhe fosse arrebatada. Numa barca de pinho escuro, decorada a dourado, tapetes pesados que ela mesmo teceu, preparava-se para sentir, pela primeira e derradeira vez, o que era viver. Quisera poder deixar a essas mulheres cansadas todo o seu dote: Elaine era abastada, de nada sentia falta. O seu castelo era cheio de riquezas, arcas cheias de moedas douradas, sedas preciosas, incensos perfumados. Tudo quanto era agradável à existência ela possuía, menos a liberdade de viver. Gostaria de poder ajudar essas mulheres. Tal como ela, nenhuma dessas honradas criaturas tinha idade ou morada. Viviam na oficina ou na pressa do mercado, nasciam com cem anos e morriam com quinze. Uma velhice antecipada, juventude arrebatada. Elas, sim, poderiam viver. Elaine poderia deixar-lhes o seu dote, torná-las ricas senhoras, proprietárias até. Se ela pudesse, tê-lo-ia feito. De nada lhe valiam as riquezas, agora que se sentava na barca. Até Camelot navegaria, sem precisar de pensar. Quando acostasse, não teria mais razão. Não teria mais o pendão da existência, o perigo da consciência. Seria somente uma lembrança, um ténue vislumbre de um casulo sem vida, que o rei e os seus homens respeitariam, enterrariam. Não teria o amor do seu cavaleiro, talvez não o chegasse a ver. Não importava. Por entre a vegetação do rio já navegava Elaine, já o seu coração se afligia, o vento apagava as velas da barca que a carregava. A água que a levava ia já meio abandonada.

Elaine de Astolat renunciava assim a viver, pensando nas mulheres que, como ela, poderiam ter vivido, não fosse a indelével marca do destino. Teriam, talvez, um pouco mais de escolha. Enquanto existiu, e talvez ainda depois, Elaine tinha apreciado mulheres que faziam escolhas. Entre elas, Nimueh, sua amiga, sua irmã. Senhora das águas, portadora de vida, guardiã da espada. Em crianças, tinham caminhado lado a lado. Ninguém o sabia, ninguém o saberia. Para o mundo, Elaine era somente Elaine, jovem senhora, enfeitada, solitária. Ninguém se lembrava dela, ela não se lembrava de ninguém. Assim seguia o curso da existência. Ninguém se lembrava, em tempos idos ou passados, de um ser tão etéreo como Nimueh, cuja suave roupagem parecia, não de linho ou de algodão, mas de qualquer

outro tecido que não acorria à memória, intocado pelos homens e mulheres do mundo. Nimueh era mais afortunada, ou assim pensava Elaine. Vivia no lago, podia sair. Podia sentir, na sua pele azulada, o toque frio do seu lar. Podia sentir o vento, sentir a vida. Podia até, se assim lhe aprouvesse, aproximar-se dos jovens cavaleiros que passavam, ouvir as suas vozes, perceber a cor dos seus olhos. Elaine nem sabia ao certo a cor dos olhos do seu amado. Era prisioneira do castelo, mas Nimueh era senhora do seu lar. Dama do lago, também ela, mas enquanto o lago havia arrebatado a vida de sua irmã, Nimueh vivia em paz entre as águas, pouco cautelosa para os afazeres dos mortais.

Elaine sabia pouco além do que lhe contavam. Corria a história de uma caçada, certo dia, durante a qual o rei se tinha visto sem a espada. Um cavaleiro sem espada era de pouco valor. A ela pouco importavam as andanças dos homens. Não sentia piedade ou tristeza. Assim era o curso do tempo, e Nimueh aceitava-o: alguns nasciam para viver, outros para morrer, outros para sorrir, outros para sofrer. Ela somente existia. Não se sabia ao certo e tinha gostos ou amores, ou se alguma vez se lhe tinha quebrado, num momento de particular distração, o canto do lábio numa curva de sorriso. Era bela, era eterna, era indiferente. Elaine havia sido a natureza pulsante das paixões humanas, o indescritível e insensato não saber bem o quê, perseguir uma voz sem saber para que fim, amar alguém sem saber como, uma luxúria de existência, desejo de ser. Nimueh, sua irmã, era o contrário. Pouco lhe importava o padecimento das mulheres, o sofrimento dos homens. Talvez se inquietasse um pouco pelas crianças, humanas ou não, pelas folhas verdes das árvores, pelos primeiros ramos do Verão, pelo filho primogénito que adoece. Não mais do que isso. Nimueh era a Natureza, o Infinito. Para o Infinito, tudo parecia igualmente bom ou mau. Não havia nela sensação que não se transformasse, em pouco tempo, numa indiferente corrente afogada pelos cursos naturais.

Ainda assim, na sua indiferença, cumpria bem a sua função. No dia em que o jovem rei lhe tinha surgido, de mago no bolso e mão vazia, Nimueh tinha mergulhado nas profundezas do lago e recuperado a espada dos reinos dos homens. Ele não a avistou, porque ela assim o decidiu. Para quê? Não tencionava conversar ou dar conselhos. Ela somente dava a ferramenta. O homem deveria fazer a sua escolha, aprender a brandir a sua arma. Elevou

a mão de prata, segurando o punho da espada. Da superfície do lago, ergueu-se Excalibur. Artur avistou-a. Ele havia pedido, ela havia concedido. A missão estava cumprida. Os reinos dos homens eram para o rei Artur. Para ela, o sossego do seu próprio lar.

No lugar de sua irmã, Elaine gostava de ter sido diferente. Gostava de ter falado com as gentes que passavam, de conhecer o seu dia, os seus dilemas, a razão dos seus sorrisos e das suas lágrimas. Talvez se tivesse enamorado de algum outro homem, não cavaleiro, um homem comum, como qualquer outro. Talvez tivesse abandonado o lago e vivido com ele, e talvez tivessem sido felizes. Por essa mesma razão se havia distribuído assim os encargos. As naturezas de ambas estavam para o que deveriam ser. Elaine havia abdicado da existência, e Nimueh era indiferente à existência. Sabia que um dia, anos mais tarde, um homem retornaria à beira do lago, e a espada seria arremessada de volta, novamente para ser guardada, até ao retorno do rei, ou de um novo campeão dos reinos mortais. Até esse dia.

Mulher d'ouro e anil

Eronista Autoantropógico

Fios de ouro nos cabelos, olhos de mar.

Ela descansa, sentada no luar. Olha o universo, olhar de prata, vapor de galáxia, envolta em pensamento, manto de silêncio. O crescente é um bom lugar para descansar. Em bicos de pés, quase dançando, pés de bailarina, desenha a sua rota, uma constelação. Quem é, para onde vai? Mulher de lua, mulher lua, anel de estrela, coroa de cipreste, pintada delírio. A lua é uma rocha, macia e gelada, um frio que conforta, um frio que apaga, um frio que esquece e adormece. E ela olha, e as estrelas impávidas, indolentes, indiferentes, indigentes, silenciosas na imobilidade do céu noturno. O sol está posto, viajou também. Mas toda ela é luz, iluminada pelo indizível, indivisível, mistério que não sente, doce e interminável sonho, espuma de mar, vapor de onda. Onda que vai e que vem, tal como o tempo, tal como o pensamento, tal como a saudade que sente, o coração que bate, foi enão foi, não foi e será, foi e não tornará. Azul e ouro são os seus nomes.

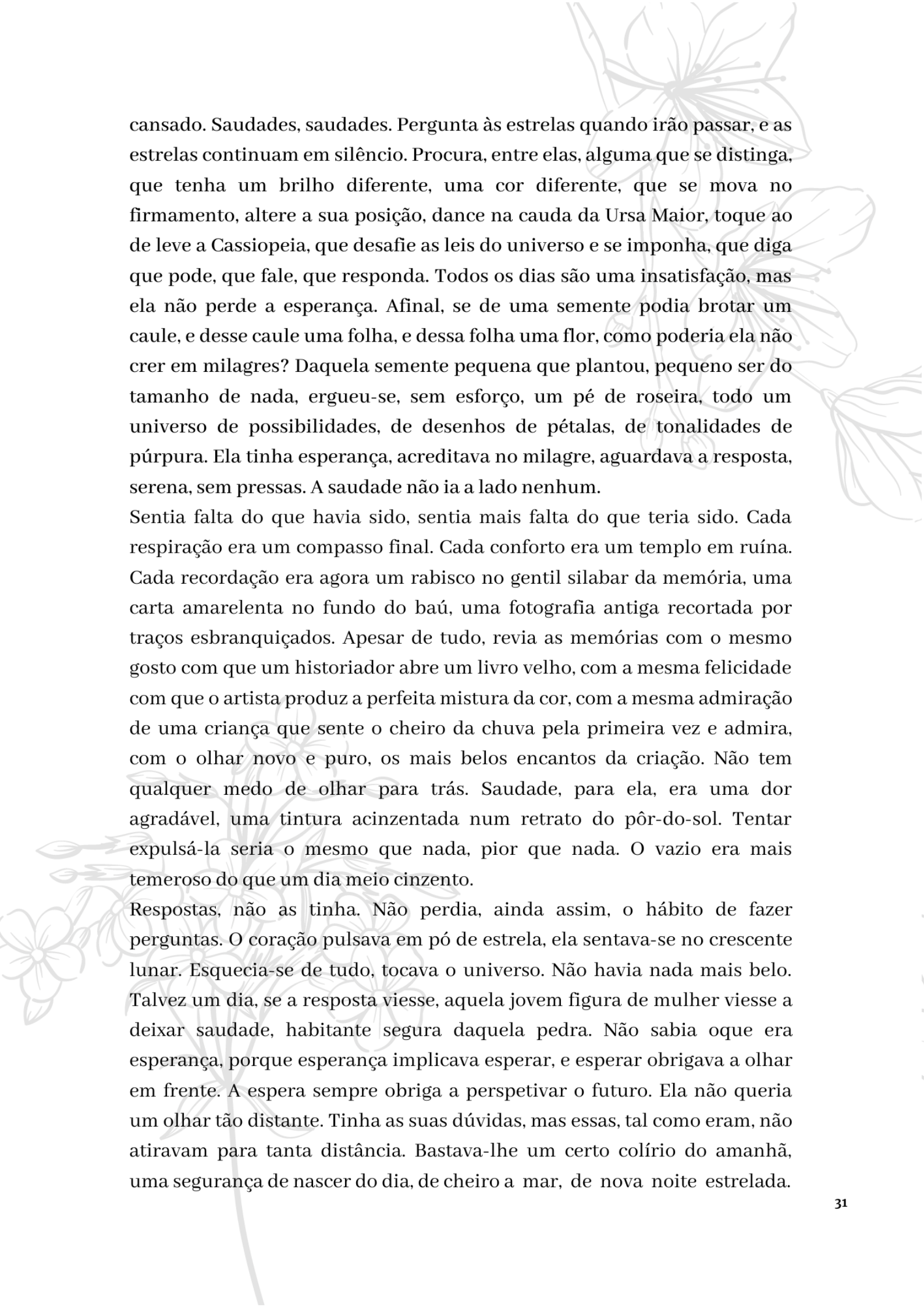
Um pássaro indecente voga perto. Ela julgaria que é tarde, demasiado tarde, para que um animal diurno passasse. A vida da ave é feita de dia. Julgando-se só, tardou em reparar. Voo a pique, voo inclinado, asas abertas. A mulher descansa, encolhe-se, sente o desconforto do vento que à gaivota agrada. Ambas se inclinam, mas uma retrai-se e a outra expande. Há, naquele animal, um não-sabe-quê de libertação. A liberdade de não ter horas, não ter tempo marcado, não ter que contar a vida, o momento, a liberdade de viver sem precisão matemática, um rebate de sinos, um toque

de relógio. Ave cinzenta e sem brilho, não necessita dele. A exatidão das asas, que batem exatamente no tempo certo(nem um segundo a mais, nem outro a menos), não cria divergências com o estado de espírito. Gaivota livre, mulher prisioneira.

Tentou libertar-se, no entanto. Antes de chegar, desnudou-se por inteiro. Penteou os cabelos com pente de madeira, escovou os cabelos com raios de sol. Com o sal do mar lavou os pés e as mãos, com essa água se limpou, caminhou pela praia, sentiu dores de água fria. Naquele espaço vazio, o mundo era só dela. Se lhe falassem de perigo, teria esboçado, no canto dos lábios, um sorriso doce. Medo de quê? Medo de tudo, medo de nada. Também tinha medo, todos os dias e em dia nenhum. Quando era mais jovem, era destemida. Trepava os rochedos, nadava até longe, até o mar não ter fundo, boca gigante sem término. Sentia o gelo nos pés, nada temia. O seu medo era chegar a casa tarde demais, a mãe à espera, o jantar a esfriar, rosto vermelho, olhar zangado. O seu medo era perder as festas e as danças, abandonar o sonho, abrir as mãos e deixar fluir. Quando passa as mãos na água, sorri. Líquido bendito, ninguém consegue agarrar. Água que dá a vida, água que a tira. A água em torno das mãos passa, flui, ela sente-a, suave, e passa a mão bem aberta. Já não tem medo de abrir as mãos. Tem medo, talvez, de as fechar. Já aprendeu que não há rédeas que agarrem a vida. Já não tenta. Não teme. Nada teme

Ninfa meridional, esposa desta nação à beira-mar plantada, marmórea e dourada, ela é surreal, retrato pré-rafaelita, pintura a pastel, figura de mulher jovem, olhos de sonho. Um sonho que sonhou um dia. Carrega-o no peito, guia-lhe o caminho, enche-a de luz. Iridescente, incandescente. Parte pela praia, nas suas abluções. Todas as noites faz o mesmo caminho. Todas as noites se senta na mesma rocha. Todas as noites esquece a gaivota. Todas as noites a gaivota a surpreende. Olha para o céu e coloca questões. Bem sabe ela que a resposta é sempre a mesma. Os murmúrios da noite, o chocalhar das ondas do mar, a gaivota que passa.

A noite é igual a todas as outras. Talvez fosse diferente se falasse, se levantasse a voz, se deixasse que o vento pegasse nas suas palavras, nas suas questões, e as levasse pelo universo fora. Quem sabe? Mas ela prefere questionar em silêncio. É em silêncio que ela pensa, em silêncio que fala, em silêncio que pergunta. O silêncio é precioso para aquele coração



cansado. Saudades, saudades. Pergunta às estrelas quando irão passar, e as estrelas continuam em silêncio. Procura, entre elas, alguma que se distinga, que tenha um brilho diferente, uma cor diferente, que se mova no firmamento, altere a sua posição, dance na cauda da Ursa Maior, toque ao de leve a Cassiopeia, que desafie as leis do universo e se imponha, que diga que pode, que fale, que responda. Todos os dias são uma insatisfação, mas ela não perde a esperança. Afinal, se de uma semente podia brotar um caule, e desse caule uma folha, e dessa folha uma flor, como poderia ela não crer em milagres? Daquela semente pequena que plantou, pequeno ser do tamanho de nada, ergueu-se, sem esforço, um pé de roseira, todo um universo de possibilidades, de desenhos de pétalas, de tonalidades de púrpura. Ela tinha esperança, acreditava no milagre, aguardava a resposta, serena, sem pressas. A saudade não ia a lado nenhum.

Sentia falta do que havia sido, sentia mais falta do que teria sido. Cada respiração era um compasso final. Cada conforto era um templo em ruína. Cada recordação era agora um rabisco no gentil silabar da memória, uma carta amareleta no fundo do baú, uma fotografia antiga recortada por traços esbranquiçados. Apesar de tudo, revia as memórias com o mesmo gosto com que um historiador abre um livro velho, com a mesma felicidade com que o artista produz a perfeita mistura da cor, com a mesma admiração de uma criança que sente o cheiro da chuva pela primeira vez e admira, com o olhar novo e puro, os mais belos encantos da criação. Não tem qualquer medo de olhar para trás. Saudade, para ela, era uma dor agradável, uma tinteira acinzentada num retrato do pôr-do-sol. Tentar expulsá-la seria o mesmo que nada, pior que nada. O vazio era mais temeroso do que um dia meio cinzento.

Respostas, não as tinha. Não perdia, ainda assim, o hábito de fazer perguntas. O coração pulsava em pó de estrela, ela sentava-se no crescente lunar. Esquecia-se de tudo, tocava o universo. Não havia nada mais belo. Talvez um dia, se a resposta viesse, aquela jovem figura de mulher viesse a deixar saudade, habitante segura daquela pedra. Não sabia o que era esperança, porque esperança implicava esperar, e esperar obrigava a olhar em frente. A espera sempre obriga a perspetivar o futuro. Ela não queria um olhar tão distante. Tinha as suas dúvidas, mas essas, tal como eram, não atiravam para tanta distância. Bastava-lhe um certo colírio do amanhã, uma segurança de nascer do dia, de cheiro a mar, de nova noite estrelada.

Somente isso. Sofria e sorria em igual medida, e isso não a incomodava. Aceitava o sentimento como aceitava o ar que respirava. Não tinha dúvidas. De pouco valia tentar a recusa. No seu próprio coração, mandava pouco. Não podia forçá-lo, acelerá-lo, fazer dele demandas sem sentido, não mais do que podia ordenar à gaivota que pousasse ou levantasse, ou às estrelas que falassem, ou ao sol que ficasse lá longe, do outro lado do mundo, sem se levantar, para que ela, na sua solidão, pudesse apreciar anoite por um momento mais. Mulher-lua, era cria noturna, que iluminava a escuridão, que sorria ao universo, que caminhava sobre os cometas, de arrasto com estrelas cadentes. Quando a lua balançava, ela ondeava também.

Cabelos de ouro, olhar de prata, ela respirava, ela existia. Nada mais pedia, mas perguntava. Perguntava sempre. A eterna condição da humanidade é a dúvida, e ela sabia, e ela não o temia, nem temia o silêncio, ou a desolação. A resposta viria, acreditava-o. Pouco a pouco ou de repente, num murmúrio ou bem audível, viria. Não tinha pressa. Aquilo de que gostava, na verdade, era de perguntar. A pergunta sarava a saudade, distraia a tristeza, e alimentava, discreta e insistentemente, a imparável máquina que é o pensamento. Mulher-lua, feita de luz, feita de saudade, feita de dúvida, feita de vida. Respirava, questionava. E quando amanhecia, passo a passo, retirava-se, retornando aos poucos ao mundo palpável, deixando o coração e as dúvidas de parte, deixando o batimento da saudade, para aguentar o címbalo da vivência do dia.

Proar de Provador

Gronista Autoantropógico

Através do mar perdido de espuma
O barco voga vagarosamente,
Seguindo, jocosos, leve de pluma,
Seu calmo e longo caminho, indolente.

E eu, jovem marinheiro perdido,
Vocábulo de caminheiro errante,
Vou ouvindo lá a voz do tempo ido,
Troando austera por um caminhante.

Este troa trovas e trovões ao vento,
De amores, desamores e até mágoas,
Canções que já cantou num outro tempo,
Vozes d'antes de vogar nestas águas.

Vai triste e sem alento o trovador,
Neste barco vagaroso sem rumo.
Recorda fomes de um tempo pior,
Saudades de uma vida em desaprumo.

Aqui me sento eu, e oiço, enfermiço,
Sapiência de velho marinheiro.
Recordo, também eu, roseira em viço,
Deixada para trás do cacilheiro.



O barco voga, a vida passa, adeus
Ó cais que os olhos me enches de branco,
Ó velho país que és meu e dos meus,
Saudosas vão as almas e em pranto.

É que mudam os tempos e os navios,
Mas pouco ou nada muda na jornada.
Sozinhos e tristes invernos frios,
E o jovem que se vai fazer à estrada.

Saudoso vou do sol meridional,
Sorridentes abraços das vizinhas,
Da inspiração que é fundamental,
Até das coisas que achava mesquinhas.

E assim vou eu ouvindo o marinheiro,
Cantando em sua voz tonitruante.
E assim, também eu temo vir a ser
Saudoso caminheiro navegante.





Sem título

Inês Afonso



única coisa que sinto absolutamente é a erosão de viver.

Erosão como desgaste, macias areias corroendo a pedra que se julgava rija. Erosão como consumo em crescendo, de bolha a bolha, em lume brando – ergue-se fervura. Desfiguração de mim, viver implica o ciclo infinito conhecer-desconhecer, exige uma transformação constante. Erosão é um caminho invertido, para além do espelho, e irreversível. Parte-se do tudo para um nada: do tudo nada vem. Erosão é isto. Decomposição em átomos que não tardam a chegar ao éter, lugar onde pertencem eternamente, absolutamente, inequivocamente, ilusoriamente.

Erosão nada mais é que o fio de cobre que liga os horizontes da vida e da morte.



Ao ritmo do comboio desencadeiam-se pensamentos. Um deles surge precisamente do próprio comboio. Porque insisto sempre, na maioria das vezes por instinto, em sentar-me no lugar oposto ao sentido em que segue o comboio? Terá esta direcção oposta um sentido convergente?

Pensei nisto. Assim que passou uma árvore por mim ou eu passei por ela, melhor dizendo, apercebi-me que aquela árvore já a senhora sentada à minha frente teria visto há milésimos de segundos atrás. Estaria eu a ver o passado dos olhos da senhora? Ou estaria a senhora a ver o meu futuro pelos seus olhos?

O tempo depende de um espaço e o espaço do seu tempo. Mas então

então estaríamos a partilhar um mesmo tempo em espaços diferentes ou um mesmo espaço em tempos diferentes?


A cada parágrafo uma nova pergunta. Porque isto sou eu: a cada passo uma incerteza, a cada gesto uma infinidade de possibilidades. Penso que, no fundo, seremos todos isto: uma incógnita permanente que depende do espaço e tempo. Uma linha férrea, assim se pode dizer em poucas palavras, que se divide em várias e volta a reencontrar-se a seu tempo e num outro lugar.



A partir de aspectos do quotidiano, aparentemente simples, tomo-lhes atenção e dou-lhes aso a pensamentos que se aprofundam neles mesmos, levando muitas das vezes a pontos de reflexão para outros textos e pensamentos

- Inês Afonso





Anotações sobre cair e colocar-se de pé

Julia Oliveira

é da natureza das coisas
a queda
tantas coisas contém em si
a necessidade bruta da queda
uma folha
uma gota
peitos e bundas
crianças aprendendo a andar
uma cabeça sonolenta
meu corpo
que no entanto precisa
colocar-se de pé
atravessar golpes e
manhãs
passam-se anos nisto
e aí está
umas olheiras
cortes de cabelo
arranhões

[é da natureza das coisas a queda, sem a atividade constante de nervos e músculos, o corpo desabaria como uma marionete. para levantar-se e colocar-se de pé, o centro de gravidade precisa estar diretamente abaixo do eixo de rotação. toda nova posição que o corpo adquire no espaço corresponde a um novo eixo de equilíbrio adequado para que não se produza uma queda ao solo]

passam-se anos
é isto:
os tremores de estar vivo
deixar as coisas caírem
ao redor e dentro de nós
um novo fim do mundo
está marcado para o dia 23 de abril
e os casos de depressão estão se transformando na maior causa de
incapacidade
segundo a Organização Mundial de Saúde
- é preciso medir as espessuras das quedas
um documentário sobre a Síria
me assombra e umedece os olhos
ainda assim levantar-se
atravessar golpes
e noites
deixar as coisas nos habitarem
é mesmo de fraquejar os joelhos
passam-se anos
oscilar entre cair e colocar-se de
pé

Rumores

Julia Oliveira



sem deuses, certezas, tantas

coisas que pensamos saber nomear ficam agora
sem nome

[estilhaços de céu e solo]

de nossos abismos observamos
a queda
como se não fôssemos também matéria que tomba

as horas e os dias passam de modo incomum
acordo e sinto que as coisas, silenciosas, me pedem algo que não consigo
decifrar

céu
janela
prédio
planta
pó
sombra

[tudo frágil e brutal]

imagino as pessoas em suas casas como
bois parados
bem no meio da estrada
a ruminar as vidas, o mundo depois disso:

— O que vem depois?, a voz pergunta
como uma criança que indaga a mãe sobre o que acontece depois que a
gente morre. e uma mãe que não sabe como dizer que, na verdade, o
fim espreita o começo, pois quer conhecer a morte é também
reconhecer a vida,

e vice-versa

então a mãe, que é também uma coisa, tão frágil e tão brutal,

silencia

[como alguém que escolhe um esconderijo secreto, aloja a pergunta em um
lugar entre a boca
e o peito,
onde deixa repousar]

ficam ali, duas coisas
- uma que pergunta,
outra que espera -

no espaço entre, algo que não se sabe

[ouvir os rumores]

enquanto isso os dias continuam sempre e continuarão tão estranhos e
também tão bonitos, descobriremos talvez
algo aqui termina
algo aqui nasce

Em memória de Shuruka

Kiko Monteiro



5 Dezembro de 2070

Esta é a história de uma cidade, não muito longe de Lisboa. Situa-se no Japão, perto de Tóquio. Não que 16h de voo seja propriamente perto, mas tendo em conta toda a possibilidade de cidades fictícias que poderiam surgir no espaço sideral, parece-me justo assumir Tóquio como uma cidade vizinha. Pois bem Shuruka situa-se a 50km de Tóquio e antes do Acontecimento era uma pequena cidade com cerca de 2 milhões de habitantes (leia-se “pequena cidade” tendo em conta as proporções japonesas).

Em 2020 o governo japonês decidiu submeter toda a cidade a uma experiência nunca antes vista. Algo que iria mudar para sempre a vida de muitos. Para que esta experiência funcionasse, a cidade teve que fechar as suas fronteiras e ninguém podia entrar nem sair durante 50 anos. Foram também convidadas as grandes empresas de algumas indústrias japonesas como empresas tecnológicas e alguns dos arquitetos, engenheiros e informáticos mais famosos do país, todos eles para trabalharem em conjunto para este projeto comum. Escusado será dizer que foi necessário um investimento gigantesco.

Os habitantes puderam escolher se queriam permanecer em Shuruka, sendo que a maioria optou por ficar, fosse por amor à sua cidade natal, por razões familiares e alguns até mesmo por curiosidade. Fecharam as fron-

teiras construíram uma muralha gigante à volta da cidade. Não era possível entrar ou sair para não haver fugas de informação, os seus habitantes não tinham acesso a notícias ou qualquer informação do exterior, os aviões não podiam sobrevoar a área da cidade. Shuruka era agora um território incógnito aos olhos do mundo. Como se tivesse desaparecido do mapa. Chamavam-lhe *Tech-City*.

Os anos foram passando e nunca mais se falou em Shuruka e ninguém sabe o que por lá e passava. Soube-se de histórias de pessoas que tentaram fugir, mas sem sucesso.

Faz hoje 50 anos deste acontecimento e foram finalmente abertas as fronteiras. Ninguém saiu. À porta estavam dezenas de jornalistas de todo o mundo e claro que eu, sendo repórter do maior jornal japonês, Yomiuri Shimbun, também lá estava.

Uma coisa vos digo, não sei ao certo o que se passou naquela cidade, mas lá que as coisas mudaram, mudaram. Mal me aproximei da entrada senti uma onda de calor abrasadora e um cheiro extremamente intenso, algo entre metal, soldaduras e borracha. Um cheiro capaz de provocar náuseas a qualquer pessoa que por ali passasse. Se estivesse de olhos vendados acharia que estava a entrar numa fábrica automóvel daquelas à antiga. À medida que passava os portões, sentia-me a caminhar para o vazio. Um vazio diferente do costume. Um vazio mais imponente, pois à medida que ia olhando ao meu redor deparava-me com enormes figuras de vidro que tocavam no céu, umas atrás das outras e que impossibilitavam que o Sol iluminasse. Também observava nuvens escuras em constante movimento, como se quisessem escapar dali. Parecia de noite mas o relógio marcava as duas da tarde. Esperava ver a luz ao fundo do túnel mas pelo contrário, era como se estivesse a caminhar em direção a um buraco negro que sugava toda a harmonia e beleza do mundo. E com eles ia também a minha alma, a cada passo dado.

A arquitetura desta nova cidade era circular, como um grande labirinto, e no centro havia uma espécie de anfiteatro feito em pedras de mármore branco, tão branco que atraía a vista de qualquer um, iluminando aquela parte da cidade. Justamente no centro tinha uma grande estátua de pedra de uma máquina e um humano lado a lado, que representava a vitória da tecnologia e do ser humano a coexistir. A partir deste centro a cidade crescia em anéis, um verdadeiro labirinto circular, visto de cima.

Começo a aproximar-me do centro da cidade e oiço sons nunca antes ouvidos. Sons metálicos e de vapor, sons de objetos cortantes como se estivessem a perfurar o ar. Reparo também num ruído monótono e constante. Um ruído tão insignificante mas ao mesmo tempo tão presente. Serei o único a ouvir isto? Por falar nisso, onde estão todos?

Os meus olhos ainda não se tinham habituado àquela escuridão mas parecia-me ver objetos voadores a passar por cima de mim a grande velocidade, direcionados em todas as direções. Via também algumas clareiras de luz que me deixavam ainda mais encadeado. Uma confusão.

Cruzei-me com uma pessoa e tentei abordá-la para lhe cumprimentar e fazer algumas perguntas, não é que a mal-educada nem sequer parou. Foi como se nem me tivesse visto. Tinha tantas perguntas... Pelo meu caminho fui-me cruzando com outras pessoas, era dos poucos que caminhava, a maioria movimentava-se numas maquinas que se assemelhavam a uns triciclos mas voadores e sem rodas. Outros sobrevoavam o ar dentro de uma espécie de cápsulas. Tanto quanto percebi não havia regras nem sinais de trânsito, aquelas cápsulas circulavam a alta velocidade sem chocar umas com as outras. Tentei falar com mais uns quantos mas ninguém me ligava nenhuma. As pessoas estavam estranhas, como se tivessem perdido as suas feições. Onde estava a interação entre as pessoas?

Já estava suficientemente assustado com tudo o que havia observado mas quando cheguei ao centro da cidade foi quando me deparei com a realidade. Parecia um filme de terror. A tecnologia havia-se alastrado como um vírus no nosso organismo. Alimentou-se do entusiasmo inicial, conquistando a curiosidade das pessoas. Em 2020 parecia fascinante mas o que é bom acaba rápido, e rapidamente esta novidade passou a ser uma necessidade, e a necessidade uma obrigatoriedade que conduziu todos aqueles habitantes ao declínio.

É que até os animais desapareceram. Da mesma maneira que as pessoas da minha geração nunca viram dinossauros, esta nova geração nunca conheceu vacas, cabras, galinhas, cavalos... Nada. Para quê? Os alimentos eram todos processados.

Nem os cães e os gatos se salvaram. Para quê ter um animal que tem vários custos como alimentação e veterinário quando se pode simplesmente comprar o fiel dogbot 2000 e nem precisamos de perder tempo a educá-lo. Ou o mais recente 5000 que vem com funções adicionais

como fazer café ou dizer-nos as notícias atuais... Isso nem é um cão, bolas!

Outra coisa que me espantou foi a inexistência de árvores e flores. Ou pelo menos as que eu estava habituado. A fim de substituir a flora estavam espalhados pela cidade vários hologramas com flores e árvores de espécies nunca antes vistas no Japão.

As coisas mudaram, mas não pela positiva. O Homem foi demasiado ganancioso e acabou por cair numa ditadura controlada por máquinas, permitindo que a tecnologia o controlasse, deixando-se ser dominado como se fosse uma autêntica marioneta. O estudante tornou-se o professor e o ser humano passou a ser um robot, sem interação nem sentimentos.

Hoje, Shuruka morreu para mim. E com ela morreu um pouco de mim.

Ele amava-me muito

Maria Kople

“Ele amava-me muito.”

A minha avó está sentada na poltrona azul, a esfregar as mãos uma na outra, a mexer no pequeno anel de prata. Olha na minha direcção mas não para mim. A poltrona vermelha ao seu lado, onde o meu avô se costumava sentar, está vazia. Nos seus lábios há quase um sorriso.

Ela gosta de contar histórias, e não se apercebe que repete as mesmas histórias várias vezes. Não que eu me importe, ela tem jeito. O tom baixinho, quase sussurrado, com que ela diz “Ele amava-me muito”, anuncia o início de uma história, e esta eu nunca a ouvi contar.

O meu avô morreu quando eu era pequena, e eu não o cheguei a conhecer bem. Lembro-me do luto da minha mãe, lembro-me vagamente do funeral, e de mais nada. Depois da sua morte, crónicas sobre o meu avô tornaram-se comuns nos jantares de família. Contos sobre o seu charme, de como era desajeitado, de como gostava dos seus netos. A minha avó raramente participa, quase sempre apenas ouve com uma atenção inabalável, às vezes reage com algum som, ou acenando a cabeça, e, de vez em quando, quase sorri, como agora. Mas nunca ouvi nada vindo dela, sobre ele.

E então sento-me no sofá em frente a ela e espero, ligeiramente inclinada para a frente, como uma criança no cinema.

“Éramos muito novos quando nos conhecemos. Ele devia ter uns dezasseis anos, e eu treze. Quando não estava na escola, ele trabalhava na loja do pai, que era no meu bairro. A minha mãe mandava-me muitas vezes ir às compras, quando estava ocupada a cozinhar ou a fazer limpezas, e ele vinha a

correr para a porta mal me via, a oferecer-se para ajudar. Já nessa altura ele gostava de mim.

Até conheço um ou dois casais da minha idade que se divorciaram, sabes? Se calhar no tempo dos meus pais era um escândalo maior, mas na minha altura já acontecia. É claro que as pessoas comentavam, ou olhavam de lado, algumas até deixavam completamente de falar contigo, mas se quisesses muito, podias. Mas nós não. Nunca pensámos nisso sequer. Casámos ainda jovens, mas nunca quisemos voltar atrás. Ele tomava bem conta de mim, à sua maneira, e amava-me, lá isso amava.

Nunca percebi bem o interesse que ele tinha por mim. Eu não era uma rapariga lá muito bonita, e era tímida, muito tímida, sabes? Não falava muito, mas ele gostava de mim na mesma. Às vezes eu ia à loja perto da hora de fechar, e ele esperava que eu acabasse as compras, para depois me acompanhar até casa. Eu não gostava disso. Tinha medo da reacção dos meus pais se me apanhassem com um rapaz. Mas ele era muito insistente.

Nunca fomos apanhados.

Numa dessas tardes ele beijou-me, mesmo em frente à minha porta. Acho que até esse momento, não me tinha apercebido do quanto ele me queria. Eu só pensava no que podia acontecer se alguém nos visse, então desviei a cara, mas ele não desistiu. Também foi em frente à minha porta que ele me disse que me amava pela primeira vez, dali a uns tempos, depois de um beijo de despedida, que por essa altura já se tinha tornado hábito.

Sabes que te amo, não sabes? Foram as palavras dele. E repetiu-as muitas vezes ao longo dos anos. Antes de sair para trabalhar, ou quando estávamos deitados na cama, ou depois de uma discussão. Apesar de não discutirmos muito. Não é que não tivéssemos opiniões diferentes de vez em quando, sabes? Ou que não tivéssemos maneiras diferentes de lidar com os problemas. Havia coisas das quais eu discordava, coisas que eu preferia que não tivessem acontecido. Ele tinha um feitio difícil, às vezes zangava-se. Mas eu não o culpo por isso, não o culpo por nada, eu também não era fácil, bem sei que não era. Além disso ele amava-me, e isso era o mais importante no fim das contas. Foi por isso que nos aguentámos. Foi por isso que nunca nos quisemos divorciar.

Quando ele me pediu em casamento, apanhou-me completamente de surpresa. Não estava à espera que ele quisesse ficar comigo dessa forma.

Para sempre, quero eu dizer. O choque foi tanto que nem sequer lhe respondi, fiquei só a olhar. E ele a sorrir. Pôs-me o anel no dedo antes mesmo de eu ter tempo de reagir. Olhei para aquilo e pensei, se eu não quisesse casar com este homem, não tinha isto no dedo. Então, disse que sim. Ele já sabia que eu ia dizer que sim, tanto quanto eu sabia que ele me amava.

A tua mãe aprendeu a dizer papá antes de aprender a dizer mamã, sabias? Ele tinha jeito para crianças, tinha mesmo, elas gostavam sempre tanto dele. E ele era bom pai. Nem sempre vi isso, às vezes achava que havia maneiras diferentes, melhores, de criar a nossa filha. Mas ele sabia o que era melhor para ela. Tudo o que ele fez foi por nós, para cuidar de nós, por ser um homem de família, ele fez-me ver isso. E ela acabou por ter uma boa vida, por isso, a bem ou a mal, ele sabia o que estava a fazer.

Já me pus a imaginar uma vez ou outra como teria sido se eu tivesse dito que não quando ele me pediu em casamento. Ou se a minha mãe nunca me tivesse mandado ir às compras por ela. Ou se tivéssemos sido apanhados quando nos beijámos em frente à minha porta. Mas é um disparate, tínhamos acabado por casar de qualquer maneira, estava destinado.

Estava mesmo. Uma vez, uns meses depois do casamento, discutimos. Não discutíamos muito, mas aconteceu, e dessa vez foi sério. Lembro-me de lhe querer dizer alguma coisa, mas não conseguia falar, não conseguia pôr em palavras aquilo que queria que ele soubesse, eu era mesmo tímida, sabes? E comecei a chorar. Ele agarrou-me nos pulsos. Segurou-me com tanta força que as minhas mãos ficaram dormentes. Queria dizer-lhe que me estava a magoar, mas não saía nada. Ele olhou para mim e disse que não me ia largar nunca. Que tínhamos sido feitos um para o outro, e que nunca podia ser de outra forma. E depois abraçou-me. Então é um disparate, imaginar que podia ter sido diferente, porque nunca teria sido diferente, não era o que nós queríamos. O que eu queria foi o que eu tive, é por isso que o tive.”

A minha avó estica o braço em direcção à poltrona vermelha. Quase que lhe toca, mas pára, com os dedos esticados suspensos no ar, e depois a sua mão recua e repousa no seu colo. Olha na minha direcção mas não para mim. Já não há um quase sorriso. Durante algum tempo, não diz nada. Depois, olha para o anel de prata.

“Ele amava-me.

Lúisa Maria Kople

Finalmente conseguiu vender a casa, e estava felicíssima. Era uma vivenda pequena na aldeia dos seus pais, e depois do divórcio- a bem dizer, depois de o filho se ter mudado com a mulher para o Brasil- soube que já não lá voltaria. As despesas de a manter em condições para os possíveis compradores exigiam dela um esforço cada vez maior.

Livrar-se dela era ganhar algum dinheiro extra, para guardar, para quando fosse preciso, ou para viajar. Podia ir visitar o filho ao Brasil. Tinha também uma prima em França. Já não se falavam há anos, mas talvez pudesse passar uns dias com ela. Sempre quis conhecer a França.

Quando se livrou enfim da casa, ficou tão feliz que só lhe apetecia gritar. Depois de tantos anos, finalmente! Não podia gritar, os vizinhos sabiam que morava sozinha, mas enchia-se cada vez mais de felicidade, que depois não tinha por onde sair.

Pegou no telemóvel e digitou o número do filho, mas apagou-o. Ele por norma não atendia, por causa do fuso-horário, ou porque estava a trabalhar. Melhor seria enviar uma mensagem, e ele telefonaria quando pudesse.

Jantou pouquíssimo, tomou banho, confirmou que o filho não tinha ainda telefonado e deitou-se na cama. Virou-se para um lado, para o outro, levantou-se para beber água, deitou-se outra vez, virou-se para um lado e para o outro, não conseguia dormir, estava tão feliz, e aquilo não tinha por onde sair.

No dia seguinte saiu um bocadinho mais cedo de casa para ir trabalhar. Na porta do prédio cruzou-se com o vizinho, que lhe disse bom dia sem

quase abrir a boca. Ela respondeu animada, sorridente, tanto que o vizinho a olhou assustado, e quase sorriu também. Ela quis aproveitar o momento em que os olhos se encontraram para prolongar um pouco a conversa, já que ia adiantada para o autocarro, e ainda estava cheia de felicidade, mas o vizinho seguiu para dentro do prédio e fechou a porta.

Foi então a caminho da paragem, e reparou que estava a arfar, ia muito depressa, mas não tinha como abrandar. Chegou com tempo de sobra e aproveitou para verificar o telemóvel. O filho não tinha telefonado nem ninguém tinha telefonado, mas a Luísa demorou-se a olhar para o ecrã, para ter a certeza, ou não fosse alguém lembrar-se de enviar uma mensagem. Quando teve a certeza guardou o telemóvel no bolso e olhou em volta, às vezes pessoas suas conhecidas apanhavam o mesmo autocarro que ela, e que vontade tinha de cumprimentar alguém! Mas ninguém seu conhecido apareceu, e entretanto já lá estava o autocarro.

A viagem foi longa. Ela sentia-se quente e ofuscante e pesada, e tinha vontade de gritar ou de meter conversa com o homem sentado ao seu lado. Mas o homem ia com fones nos ouvidos e com os olhos fechados. Dos outros passageiros, alguns olhavam pela janela, outros iam ocupados com os telemóveis. Ela tirou o seu telemóvel do bolso para se ocupar como eles, releu mensagens antigas, abriu fotografias que tinha guardadas, voltou a pô-lo no bolso. Estava pesadíssima de felicidade, tinha a certeza que se notava, que se alguém olhasse para ela veria como estava ofuscante, e então estava à espera que alguém notasse, mas antes que isso acontecesse teve que sair do autocarro e entrar para o trabalho.

Às vezes, quando apanhava menos sinais vermelhos, chegava antes da hora e conversava um pouco com os colegas. Mas desta vez quando chegou já todos estavam entretidos com as suas primeiras tarefas do dia. A Luísa guardou o telemóvel na mochila e deixou-a no cabide, e foi para o armazém organizar as caixas que tinham chegado no dia anterior. Sozinha lá em baixo, pôs-se a cantarolar, “as saudades que eu já tinha...”, e riu-se, e se alguém soubesse rir-se-ia com ela. Não era nada seu cantarolar no trabalho, mesmo quando estava sozinha no armazém. Às vezes dava-lhe vontade, mas podia alguém aparecer sem que desse conta e ouvi-la, e ela tinha muita vergonha. Mas desta vez cantou, cantou até um pouco alto, sem vergonha nenhuma. Aliás, olhou várias vezes para a escada a ver se alguém aparecia, para que pudesse explicar que cantava porque estava tão feliz.

Acabou de arrumar as caixas, voltou para cima, trabalhou até que pôde fazer uma pausa. Pegou na mochila e foi até à porta fumar um cigarro. Verificou o telemóvel, o filho não tinha telefonado, guardou-o no bolso. Enquanto fumava, espreitou para dentro da loja em frente. Às vezes a empregada coordenava sem querer as pausas com ela, e conversavam. Mas a empregada estava sentada ao balcão, a ler uma revista enquanto não entravam clientes.

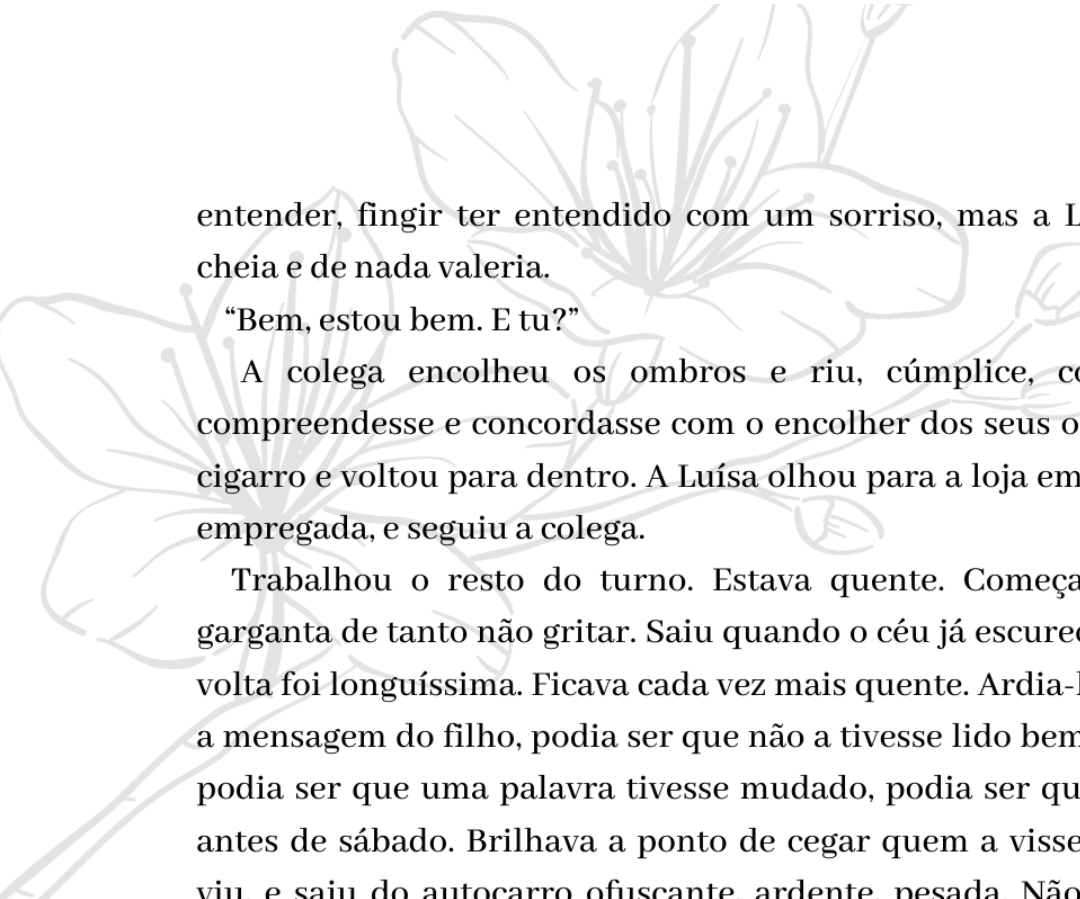
Estava a acabar o cigarro quando o telemóvel começou a vibrar- e parou antes que ela tivesse tempo de o tirar do bolso. Era uma mensagem do filho. “Que bom, mãe! Fico feliz. Falamos no sábado. Beijinhos.”

Ele telefonava por norma aos sábados. Ainda estava tão longe. Que fazer entretanto àquele peso todo? Olhou para o ecrã por um bom bocado. Considerou fumar outro cigarro, para dar tempo ao filho de enviar a segunda mensagem, mas tinha que voltar para dentro. Guardou o telemóvel. A empregada da loja em frente levantou a cabeça, viu-a, sorriu, acenou, a Luísa sorriu e acenou de volta. Apeteceu-lhe atravessar a rua e ir cumprimentá-la como deve ser. Mas ela já tinha voltado para a sua revista. E a Luísa tinha que voltar para dentro.

Entrou então ainda cheia, muito cheia. O patrão pediu-lhe que organizasse a pilha de calças que um cliente tinha desarrumado à procura do tamanho certo. Ela consentiu, mas espantou-se, o patrão olhou-a nos olhos para lhe falar e não notou como estava ofuscante, mas ela tinha certeza que se notava, era tanto, tanto.

A dobrar as calças, distraída, deixou cair um molho delas. Riu-se, não era nada seu estar distraída no trabalho, e olhou em volta à espera que algum dos colegas comentasse o seu desleixo, para que se pudesse desculpar, e explicar que deixava cair as coisas porque estava tão feliz. Arrumou as calças enquanto ninguém comentava, e trabalhou até que pôde fazer a segunda pausa. Desta vez, foi até à porta com a colega. Emprestou-lhe o isqueiro, fumaram juntas, e ela perguntou-lhe como estava.

“Bem”, disse a Luísa, entusiasmada. E preparou-se para finalmente contar que tinha vendido a casa, esvaziar-se um pouco, já estava perto de rebentar. Mas pensou depois que a colega não sabia da casa na aldeia. Ela não sabia uma série de coisas. E para explicar que estava tão feliz, teria que explicar da casa e do ex-marido e do filho e de tanta coisa, e esquecer-se-ia inevitavelmente de algum detalhe essencial, e a colega podia até tentar



entender, fingir ter entendido com um sorriso, mas a Luísa continuaria cheia e de nada valeria.

“Bem, estou bem. E tu?”

A colega encolheu os ombros e riu, cúmplice, como se a Luísa compreendesse e concordasse com o encolher dos seus ombros. Apagou o cigarro e voltou para dentro. A Luísa olhou para a loja em frente, não viu a empregada, e seguiu a colega.

Trabalhou o resto do turno. Estava quente. Começava-lhe a doer a garganta de tanto não gritar. Saiu quando o céu já escurecia, e a viagem de volta foi longuíssima. Ficava cada vez mais quente. Ardia-lhe o peito. Releu a mensagem do filho, podia ser que não a tivesse lido bem da primeira vez, podia ser que uma palavra tivesse mudado, podia ser que lhe telefonasse antes de sábado. Brilhava a ponto de cegar quem a visse, mas ninguém a viu, e saiu do autocarro ofuscante, ardente, pesada. Não se cruzou como vizinho à porta do prédio.

Entrou em casa. Não jantou. Não tomou banho. Deitou-se na cama, já não queria gritar, e se quisesse já não conseguia. Ardia-lhe muito a garganta e o peito, e os olhos não fechavam. Baixinho, muito baixinho, para que nem ela se pudesse ouvir, cantarolou, “as saudades que eu já tinha...”

Riu-se. Se alguém soubesse rir-se-ia com ela. Chorou. Se alguém soubesse choraria com ela. Aquela coisa que tinha dentro de si não teve por onde sair, e depois de tanto tempo a fermentar, transformou-se. E ela passou a noite em claro, cheíssima.

À espera do sono

Maria Kople

Entre o cair da noite
E o sono há tempo, e dentro
Do tempo há nada
E dentro do nada, tu

Em frente à minha varanda
Fechada no nada, sozinha
Senhora, estás à janela
Com o teu cabelo à luz
Amarelada da cozinha

Que é, pelo menos, tua
E tu, no teu nada, és tua
E também um pouco minha
(E eu talvez, um pouco tua).

Eu à espera do fim
Do cigarro, e depois
À espera do sono
E tu certamente à espera
De um sono ou de um outro fim

Talvez à espera de mim
E que ao cair de outra noite
Na minha varanda fechada
Eu partilhe contigo o nada

Carta de Resposta

Maria Pinto

carta chegou de manhã.

“Cara Clara,

Muito agradecido estou por ter sido contactado com tanta urgência. Tenho primeiramente de lhe dizer que, devido ao sucedido, tenho recebido cartas, muitas, de diversos tipos e durações, o que me impede de escrever em resposta a cada um dos pedidos. Mas a sua saltou-me à vista, e não pude deixar de responder, pelo que foi imediatamente colocada como uma prioridade.

Antes de mais, deixe-me dizer-lhe que a sua escrita e fluidez são admiráveis para alguém tão jovem. Por essa razão, a partir de agora, irei tratá-la por “tu”. Espero que não venha a ser um problema na nossa possível futura correspondência. Muitos dos meus colegas (porque sim, tive de partilhar o teu conteúdo com uns colegas de trabalho) acharam que isto era uma fachada, algum adulto disfarçado com más intenções apenas pronto para descobrir os meus segredos. Mas eu não. Sempre soube que tal honestidade só poderia ser encontrada em alguém jovem como tu, que teve a sorte de ainda não ser destroçada pelas desilusões constantes, ainda que aleatórias, da vida. Por essa razão, sinto que mereces uma resposta adulta, falando de igual para igual, pois acredito que mentir a uma criança seja apenas adiar as explicações futuras que elas possam ter, ou pior, vir a descobrir sozinhas. Por isso serei brutalmente honesto.

Não poderei fazer aquilo que me pedes. Está dito. Deixa as palavras ganharem forma enquanto as lês. Torna-as reais, porque não há pior verdade do que esta. Eu sei, Clara. E eis a razão por não o poder fazer: as investigações que levamos a cabo (pois não trabalho apenas eu, sozinho,

para produzir um feito desta enormidade, tendo toda uma equipa de pessoas que trabalham no mesmo sentido), são já bastante antigas, e embora tenhamos já alcançado excelentes resultados, surpreendendo-nos todos os dias, ainda não conseguimos chegar ao ponto de “competência” que nos pedes. Como podes perceber, o tempo é dos sentidos perceptíveis mais complicados de controlar. Como calculo que saberás, temos os símbolos de leitura mais fáceis como os segundos, os minutos, as horas, os dias, as semanas, os meses e os anos e depois temos aquele tempo que é de cada um. Penso que concordarás e perceberás o que quero dizer. Por exemplo, poderás observar a partir de hoje como a tua mãe parece viver mais depressa do que todos os outros, segundo o que me descreves sobre ela na tua carta. Talvez para ela um ano seja um mês de muita gente. E talvez os teus próprios dias sejam os anos de outros. Se todos vivêssemos à mesma rapidez, provavelmente já teríamos obtido resultados mais rápidos, mas decerto podendo não ser tão eficazes.

Explicarei de forma sucinta o ponto de situação da nossa pesquisa atual. Até agora apenas conseguimos estagnar o tempo coletivo das maçãs, fazendo com que consigamos controlar a sua rapidez de envelhecimento, de crescimento. Isto corresponde a uma enorme descoberta no mundo científico, uma reforma no comércio da fruta, pois poderá haver maçãs o ano inteiro, exatamente com a mesma qualidade. Se quisermos, e admito que me orgulho um pouco a expor a situação desta maneira, criamos um mundo onde uma maçã apodrecida nunca mais existirá. Impedimos a morte das maçãs, um grande passo para a humanidade, embora acredite que ainda com esta idade não o reconhecerás como um grande passo para ti pessoalmente, o que é compreensível.

No entanto, e lamento até pensar nisto enquanto escrevo estas palavras, saber que um feito de tanto orgulho continua a ser uma desilusão para pessoas como tu, Clara, causa-me bastante dor, e esta pequena estagnação e alteração de tempo que conseguimos controlar ainda não é possível expandir-se para além da fruta. Agora experimentamos com alguns legumes, e mais tarde tentaremos os objetos. Mas se estiver a ser totalmente franco, não sei se poderemos evoluir muito para além disso.

Como vês, é difícil agarrar o tempo platónico de cada um, pois muitas vezes nem nós sentimos a rapidez ou a lentidão a que passam os nossos dias. Às vezes consciencializamos muito a questão, o que também não é

é bom, e outras vezes só reparamos na corrida que fazemos quando já é tarde demais. E por isso volto a repetir a realidade escondida na tua cabeça que eu sei que não queres ouvir. Mas todos teremos um fim. Eu, que escrevo esta carta, tu que a lês, e a tua avó, que tu pedes tão desesperadamente para salvar. Não posso, Clara, nem sou sequer capaz, embora queira muito corresponder ao teu desejo.

Mas posso aconselhar-te, com o tempo que já vivi, o meu tempo, intocável. Falas bastante dela, de como gostas de a observar na cozinha enquanto ela faz as bolachas que cheiram a essa casa, insubstituíveis, e segui-la nas caminhadas diárias que percorre até ao mar, que, como tu descreves, é o seu grande amor. Olhas durante alguns minutos para ela, sentada na sua cadeira de praia, faça chuva ou faça sol, a olhar para as ondas que vão e vêm, tentando perceber se ela tenta reter o cheiro do mar. Compreendo que nestas observações intrínsecas tenhas notado mais e mais rugas na sua cara, e que isso seja para ti um sinal de velhice. Como a conheceste sempre velha, é normal ficares impressionada quando sentes que ela ainda envelhece mais, percebo tudo isso. Também eu já fui abordado por todos esses sentimentos.

Enquanto esperamos por um tempo que engane a morte, ou uma loja online que venda corações, ou cérebros, ou qualquer órgão que esteja a falhar novinho em folha, que possa depois ser transportado para o ser humano em sofrimento, essas ideias que nos fazem pensar tristemente, talvez até com alguma amargura ou violência, sobre o papel dos cientistas, médicos, descobridores deste século, incapazes de decifrar essa pergunta que te atormenta, a ti e a tantos, peço que tenhas paciência. Que deixes saborear essa pergunta tão angustiante que faz com que aproveites a vida. Que te apaixonas por esses anseios, e talvez um dia, gradualmente, os aceites, como sentes que a tua avó já o fez. Acredito que tenhas razão: ela tem noção do seu fim. E talvez tenha aceite o fim dos seus minutos que, algures atrás, pareciam intermináveis.

O que aconselho a fazer é a continuar a observar, até as rugas que dizes serem mais predominantes ficarem trajetos de rios nas suas bochechas que desaguam em algum lado que não consegues descobrir. Até à lentidão da sua caminhada ser uma história de todos os passos que ela já deu, mesmo antes de nasceres.

Aproveita até as características que mais te irritam. Os seus passos peque-

inhos, o constante frio, a sua calma, nomeadamente quando insiste em esperar que as bolachas arrefeçam. Curiosamente, essas serão as características de que terás mais saudades quando já não lidares com elas. Torna tudo isso parte de ti, absorve como uma esponja para que saibas de cor.

Sei que muito do que te digo não te acompanhará sempre, muito esquecerás, como tenho a certeza, pois o tempo também está intrinsecamente ligado com a memória, e aquilo que mais queremos recordar é o que mais depressa se esquece, não te irei mentir. Por isso, assumindo-me como um mero cientista estranho aos teus olhos, deixo-te com um último pensamento, e esse sim, espero que o possas guardar: todo o tempo, aquele global e aquele de cada um, ambos finitos, passam sempre mais rápido do que aquilo que podemos calcular. Não te mostrarei as fórmulas matemáticas, porque essas sim não compreenderás. Mas assim que tenhas a memória completa da tua avó em ti, ela sobreviverá. E apenas aí poderá a tua avó viver eternamente.

Espero ter ajudado,

Cientista Roberto Merino

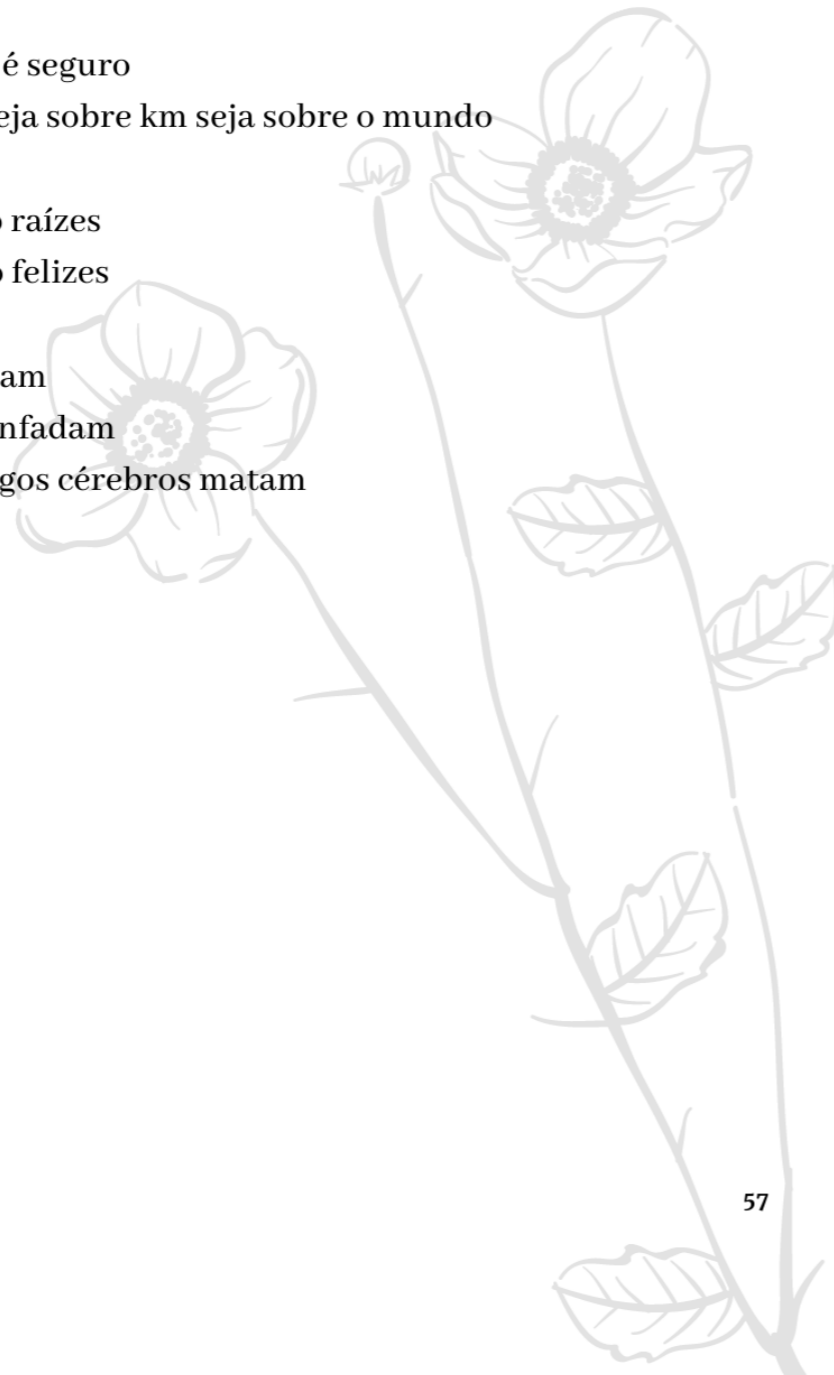
Departamento das Ciências do Tempo”

Viajo de canto a canto desarmado

Mr. Fish

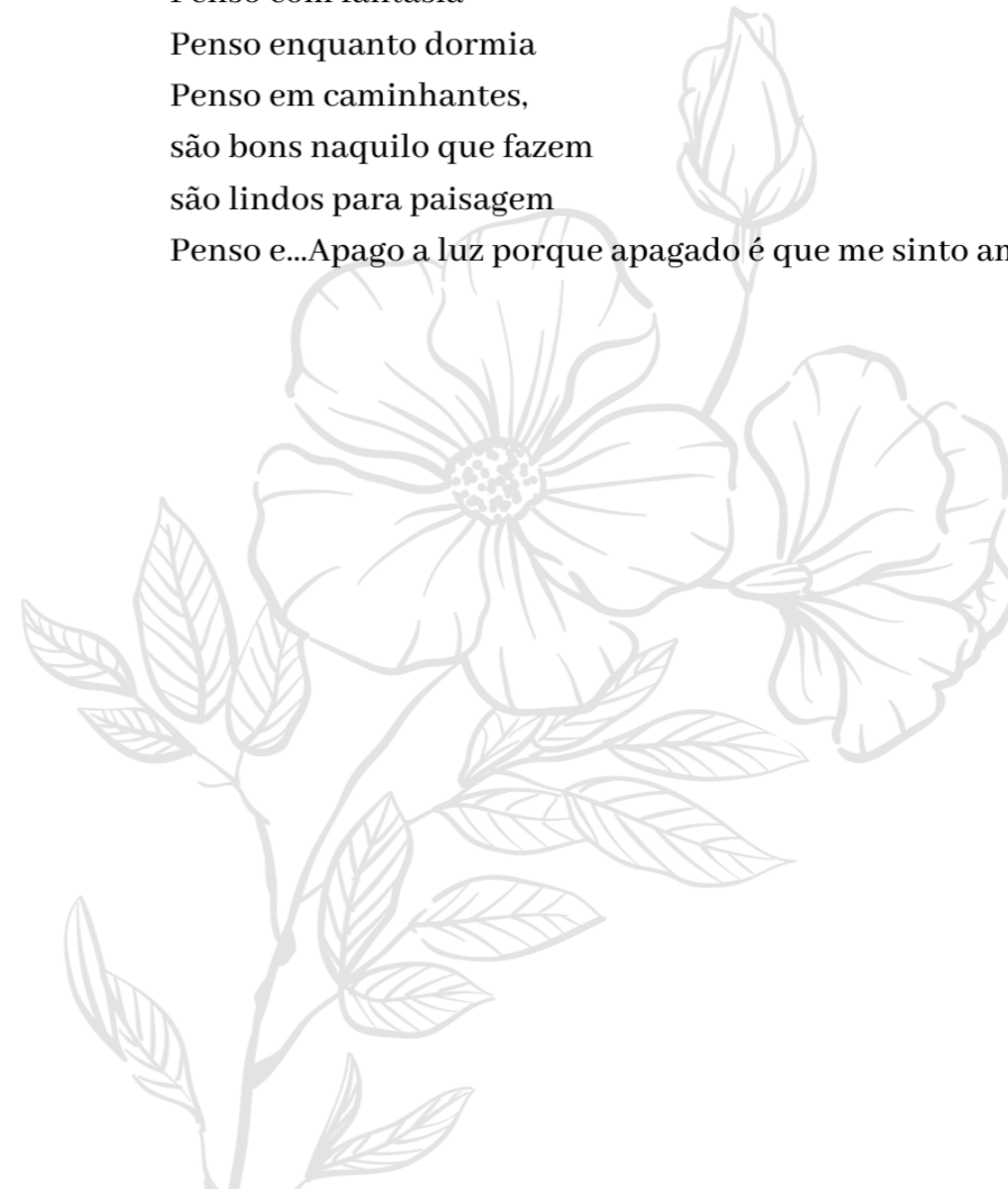
Viajo de canto a canto desarmado
Viajo do passado para o futuro
Viajo carregado
Viajo enquanto durmo
Viajo distante para longe, lá é seguro
Viajo a que velocidade for, seja sobre km seja sobre o mundo

Viajo porque pernas não são raízes
Viajo porque dopaminas são felizes
Viajo porque longe dizes
Viajo porque rotinas degradam
Viajo porque caminhantes enfadam
Viajo porque quando não cegos cérebros matam



Apago a luz Mr. Fish

Apago a luz,
Apago vezes ao dia,
Deixo o 404 esticado sobre o tapete de entrada
Deito-me no sonhar da alegria
Penso no que queria
Penso no bem-estar em demasia
Penso com fantasia
Penso enquanto dormia
Penso em caminhantes,
são bons naquilo que fazem
são lindos para paisagem
Penso e...Apago a luz porque apagado é que me sinto amado



Sou viciado

Mr. Fish

Sou viciado,
Sou viciado no meio de tantos na nação
Sou viciado por vício e paixão
Sou viciado por alívio e salvação
Sou viciado,
Sou viciado para além-fronteiras
Sou viciado entre tantas maneiras
Sou viciado funcional com algumas merdeiras
Sou viciado,
Sou viciado sem abrigo
Sou viciado sobretudo um sobretudo desmedido
Sou viciado autoexcluído
Sou viciado podremente a ser despido
Sou viciado a ser esquecido
Sou viciado.



Mr. Fish é uma personagem exilada
numa realidade paralela.
Alimenta-se fundamentalmente de
monstros sociais, e gosta de viver a
morte do dia a dia.

- Mr. Fish



Verão

Rita Sousa



um certo dia, o suor manchava a minha pele translúcida, reluzindo debaixo do sol quente de verão que tardou a vir. Tomara a forma de tempestades, porque se esquecera como era a sensação de calma e não sabia bem como voltar a tingir os céus distantes de azul claro.

Apercebi-me que até o mundo tem amnésia e se esquece da viveza que outrora tivera. Mas, neste certo dia, onde nuvem nenhuma se atrevera a formar e a esconder a estrela antes envergonhada, o meu corpo sentiu o verão pela primeira vez. As minhas bochechas tomaram um rubor distinto e os meus pés curtiram-se no pavimento cálido. O sol assomou-se no alto do cosmos, acima do horizonte, deixando cair raios de regozijo, despontando desertos tão diferentes desta terra insular que sempre conheci.

Observando a cidade que se avistava ao longe, envolta no som melífluo dos pássaros empoleirados nas árvores, nos postes e nas pacatas casas, sentei-me em companhia, como era costume. Esta tocou-me com a sua voz, contando-me que parecia triste toda a vez que me olhava. E eu, ao deixar o calor encher-me o corpo, não voltara a esquecer o que ela me havia dito.

Não sentia tristeza, nem alegria. Não sabia bem o que sentia. O que sabia era que o verão tinha voltado e eu já podia derreter à tarde, moldando-me à noite – como uma vela que se acendera e secara no final da chama, decerto ansiosa que a utilizem novamente, mas nunca voltaria a ser a mesma –, e esperava pelo próximo dia veranil, para que me possa reconstruir mais uma vez, até saber quem devia ser e o que devia sentir.



Outono

Rita Sousa



e madrugada, despertas.

Reparas que o outono chegou, pelas gotas de água que entristeciam a janela. O céu havia chorado, em toda a sua relutância em deixar o sol sair. Não era a hora.

Cobres o corpo nu. O teu quarto é quente – uma minúscula reminiscência do verão – por isso o frio lá fora não te preocupa. Mas, durante a noite, sentes o vento bravio soar e já não sabes discernir se é a casa que treme ou o teu corpo. Não é velha ou decrépita, mas o soalho faz ruídos que acordam a consciência. As folhas, que caem em teu redor, tomam uma cor efémera, do mesmo tom das brasas da fogueira que te tenta aquecer. Sentas-te à mesa, repousas o queixo nos teus punhos feridos de combate e, por momentos, segundos tão curtos que nem parecem existir, tu desapareces, tão perdida nos gemidos da tua mente.

Moves os olhos enegrecidos para a chaleira em topo do balcão, mas são manchas de café que te sujaram os lábios. Ignoras o sabor amargo; a matiz esbraseada do relvado capta a tua pele sempre pálida, estampada de sardas que se assemelham a traças pousadas nas tuas bochechas rosadas. As tuas costelas arrepiam-se quando abres a porta. És envolvida pelos teus próprios braços – acredito que não recebas carinho de quem dorme a teu lado – quando a brisa, tão forte que é, se infiltra nos buracos do teu tecido, no vazio do teu ser.

Caminhas no pavimento, pés descalços e molhados da chuva, e ouvem-se os estalidos das folhas que se apequenam no teu passar. Onde vais com tanta pressa? Procurar alguém que te oiça? Sabes que a cegueira é o teu vício? Preferes habitar os suspiros desse sítio comum e, talvez, seja lá onde fiques. No silêncio da tua casa é onde te encaixas.

Outubro meu

Rita Sousa



sol começa a acalmar a brasa

que nos manda para aquecermos os corpos. Os dias, tão longos que eram, tomam um tamanho de balanço, nem tão perto do fim, nem tão longe. Nuvens quebram o céu, trovejando sobre as nossas cabeças, que se inclinam apenas para ver o quão moroso o tempo se tornou. E, a marear a tempestade, encontro uma alma envelhecida. O seu perfume amendoado dança com o ar brando, estirando as longas asas, que a impedem de caminhar. Mas porquê andar, algo dito de um mortal, quando se pode voar aos quatro ventos? Em um murmúrio, oiço-a dizer: *Quão terno é encontrar-te aqui, tu, que eu tão duramente procurei.*

Pairou, rasante a mim, e levou-me num aperto para o alto. Prescindi dos meus pés, já não me serviam, e tratei de agarrá-la, com virgens mãos, deixando de sentir o peso da minha própria pele, que dantes me ancorava firme. Relaxei o corpo, já sem receio de cair aos bocados, e desfrutei da maneira como estava tão intimamente unida com ela.

No seu diálogo, onde idolatrei cada palavra da nossa língua, segui aventurada, nesse seu ditoso encanto. De espaço a espaço, tirava um momento para desviar o olhar da sua solene presença, fixando o mundo em toda a sua impreterível expansão. Sinto que o céu é muito mais amplo quando estou com ela.

Adejámos mais acima e ela carregou-me no seu abraço, onde encontrei um calor que os meus sonhos não eram capazes de me dar. Tinha a sua figura etérea comigo :Ciclones nos seus cabelos e açúcar nos seus lábios. Preciosa que ela é. Tê-la-ei infinitamente em companhia, na minha quieta folgança. Agora e sempre. Tanto que esperei por este ensejo, atravessando os dias esfogueados, ocupada em minúcias, por horas sem ânimo. Tão bom que é tê-la. Tão bom que chegaste. Outubro meu.



Algumas pessoas importantes da minha vida foram a fonte de inspiração dos meus textos. Queria representar o que sentia por elas, a maneira como me afetaram, como também os seus defeitos e qualidades, de forma poética.

- Rita Sousa



Voz Muda

Rui Dinis

O sol jaz, embriagado. A solidão entra no quarto pela janela mal fechada, arejando o ser ignóbil cuja presença já é habitual e nada estranha. Levanto-me e percorro a casa enquanto faço um inventário das minhas ideias. Tento ganhar consciência e controlo de mim mesmo, algo em que tenho falhado, miseravelmente. Sento-me na poltrona castanha, ao canto da sala, com um diário na mão. Encontrei-o em cima da escrevaninha quando me mudei para esta casa. Quando peguei nele, pela primeira vez, vi o meu reflexo na capa. Desde então, não tive coragem para o abrir. Estas, quase eternas sessões, sentado na poltrona com o diário no colo, tornaram-se um vício. Precisava de sentir a presença de alguém. O som do telefone interrompeu o meu monólogo mudo e terapêutico fazendo-me levantar para o atender. Reuni forças, quase, sobre-humanas para me erguer. Ao fazê-lo, atirei para o chão o aterrador diário que ao cair (pacientemente), abriu-se.

16 de outubro, 1998

De manhã, vivo com uma vontade adormecida de acordar. A certeza nunca compactou com o meu destino. A lua nunca representou a noite e o sol nunca foi sinónimo de clareza. Será assim até ao final. Vivi sempre à espera de aprovação em vez de avaliar o meu comportamento. A filosofia sempre foi inimiga da felicidade. Enquanto pensar, nunca viverei. Sempre gostei de contradizer o certo, personificar as grandes mentes, elevar-me perante todos apoiado pela arrogância. Só assim me sinto diferente. Tento viver o génio que não sou, que nunca serei. Sonho com a obra que nunca farei. Ambiciono um nome nunca esquecido. A

hipocrisia nas minhas palavras serve, apenas, para julgar a minha índole. Incoerente, fraco e arrogante cresci, secretamente.

Parecera-me uma eternidade, o tempo que demorei a ler o primeiro registo do diário. Abalado com a voz do escritor desconhecido, servi-me de um Whiskey, sem gelo. Sentei-me novamente na poltrona. Numa mão, tinha o diário já fechado, na outra tinha o copo com a bebida. Antes de me decidir se haveria de continuar a ler, levei o copo à boca, bebendo tudo de um trago e, com uma careta repentina, ganhei coragem para abrir o diário, novamente.

25 de abril, 2007

Depois de uma vida rotulada, o que se segue? O esquecimento. Nada nem ninguém tem que ver com o meu destino. Assusta-me o facto de ter de realizar uma só tarefa durante toda uma vida, por si já curta. Toda a nossa vivência é composta por escolhas. Escolhas impostas por outros, por uma comunidade estruturada desde o início dos tempos. Escrevemos a nossa história em relação a uma só unidade. Vivemos com o auxílio do relógio. Criámos um ciclo vicioso, uma roda impossível de parar. Acordo a preparar-me para adormecer.

Fechei o diário e poisei-o em cima da mesinha, ao lado da poltrona. Fechei os olhos numa tentativa de me concentrar para tentar interpretar o autor daqueles excertos soltos. Desta vez, não vi o meu reflexo na capa, mas li-me. Pela primeira vez, li-me. De onde terá surgido este diário? Como é que veio parar aqui? Já cansado de pensar, recuperei o meu ceticismo e levantei-me, levando o meu corpo moribundo até à cama, onde me deitei para tentar recuperar quota parte da minha sanidade. Acordei algumas horas depois com uma sede fatal. Pus-me na cozinha em longos e rápidos passos. Abri a torneira e levei a boca para de baixo da água corrente, silenciosamente.

Voltei para a cama para tentar descansar, mas o diário não me saía da cabeça. Mais uma vez, dirigi-me para a sala onde servi outro copo de cliché, desta vez duplo. Sentei-me na poltrona e abri o diário.

8 de fevereiro, 2015

Cheguei a um ponto de estagnação. É, até, um ato artístico, acabar a vida no

seu início. Não tenho argumento nem guião e é talvez, um dos momentos mais bélicos e prazerosos de que tenho memória. A liberdade mundana a que me sujeitei é mais forte que eu. A felicidade de não coexistir e o medo de ser rejeitado pelo ciclo que tanto critico. Não sei se sou feliz. Não sei interpretar a felicidade. A apatia corrompe-me o ser já corrompido pela arrogância. Não me sei descrever, mas sei o que sou e é esse o pior dom que alguma vez poderia ter desejado. Finjo ser o que não sou e escrevo sobre o que nada sei e é isso que completa o vazio impreenchível de nada ser. A minha alma é abalada por pensamentos prematuros. Escrevo para provar a minha utilidade. Mas sei que o meu único talento é uma farsa, autónoma talvez. Escrevo o que vejo. Sou um péssimo pensador e um excelente observador. A ironia do destino encontrou-me, novamente. Pela primeira vez, sinto que já não sou o dono do mundo.

Fechei o diário, assustado. Senti um arrepio, descontente, a atravessar o meu corpo. O diário estava assente no colo, com uma mão por cima. Olhei para a outra mão e esta segurava uma caneta, já cansada de escrever. Fechei os olhos e bebi o resto da bebida que estava no copo. Encostei a cabeça nas costas da poltrona após perceber que tenho lido aquilo que escrevo. Descontraí os braços que vêm descansar ao lado da anca. Acendo um cigarro e completo o ciclo. Preparo-me para um novo dia, mais um.

Guarda Segredo

Rute Ricarte



e te contar uma história de amor, prometes guardar segredo?

É uma história humilde, de um rapaz que sonhava dar uma estrela a um outro rapaz, e de uma rapariga que sonhava subir ao cimo da árvore mais alta das redondezas, nas suas saias montadas, pernas peludas, saltos altos e cabelo curto.

Quando a ouvi, custou-me a acreditar, mas vivemos tempos loucos, não é? A este ponto, já toda a gente espera o impossível. Eu espero que tudo seja possível, o mundo, assim, fica mais bonito.

Mas a história, não nos esqueçamos da história...

Era uma vez um casal. Um casal de irmãos. O rapaz, um menino meigo de poucas palavras e cabeça no ar, faces sardentas e cicatriz no canto do lábio feita por uma distração. Se o encontrares por aí, certamente estará agarrado a algum ecrã ou de mãos nos bolsos, com poucas palavras para te dar. Mas cá entre nós, é um sonhador apaixonado, só ninguém o sabe.

Já a rapariga, o que dizer sobre ela?... Menina bonita, nos seus cabelos louros, doce e educada. Namoradeira na medida certa, amiga de todos. O que se quererá mais de uma mulher? Pois bem, digo-te a ti, que ela também esconde aquilo que não quer que vejam. Tem o seu quê de altiva, mandona e senhora de si; é verdadeira, se precisar de dizer, diz e magoar-te-á se assim tiver de ser, porque o seu coração é puro e sente pouco dos outros, seres frios, incluído ela... anseia pela mudança. E cá entre nós, não será tempo para isso??

Seguramente, eram um casal de irmãos felizes, não o nego, mas como tudo na vida tem uma reviravolta merecida, eles não foram exceção.

Ora, certo dia, o rapaz passa entre as cancelas da estação e entra no comboio.

Comboio escuro era, mas havia ao fundo um lugar amarelo-torrado. Esse seria o seu lugar. Ao seu lado sentou-se um outro rapaz. Não há necessidade de te contar como é que ele era porque em tudo era igual ao nosso menino. Devias ter visto o comboio a encher de amor! As palavras fluíam das suas bocas, as faces de sardentas, passavam acoradas, a carruagem enchia-se de gargalhadas e os corações dos meninos ficaram quentes.

E independentemente do que acontecerá dessa viagem para a frente, se julgas que alguma vez lhe sairá o rapaz da cabeça, enganas-te bem enganado, porque até à sua morte, ele o trará consigo. Será a última pessoa em quem pensará antes de adormecer e a primeira depois de acordar. Sempre que cheirar as rosas do jardim da mãe, lembrar-se-á dele, mesmo que nada tenha a ver. Sempre que o voltar a ver, o seu coração sairá do sítio de tanto bater nervosamente e para lá voltará cheio de amor quando estiver nos seus braços. E se alguém conhecerá este outro rapaz? Bem, quem sabe... Depende mais de nós do que da vontade deles. Por ele, dar-lhe-ia todas as estrelas do céu.

Quanto à menina... Passa entre as cancelas da estação e entra no comboio. Comboio escuro era, mas havia ao fundo um lugar rosa suave. Esse não seria o seu lugar, não o suportaria. Ficou antes junto à janela, em pé, nas suas saias montadas, pernas lindas, sapatos altos e cabelo até aos ombros.

Todos os passageiros iam com as suas cabeças baixas, olhos semicerrados, telemóvel nas mãos, fones nos ouvidos. O silêncio era ensurdecedor. Lá fora as árvores passavam a grande velocidade, cada vez mais pequenas, cada vez mais despedidas, cada vez mais feias.

Homens olhavam para ela de lado, sempre que entravam e saíam. Nas estações ressoavam conversas de pessoas a queixarem-se de vidas aborrecidas, casa-trabalho casa, com cinquenta mil coisas pelo meio, mas nada suficientemente interessante para o tom monótono e triste da conversa mudar.

A tristeza começava a consumi-la aos poucos. Não era assim que a rapariga queria viver. Deus a perdoasse, mas assim nem viveria de todo. É então que à sua frente se põe uma mulher. De mulher convencional pouco tinha. Sorriso gigante na cara, pernas peludas, cabelo curto curtinho, roupa larga de desporto, por engomar e sapatilhas quase rotas. Que mulher linda, tenho-te eu a dizer, das mais bonitas que já vi e tenho a certeza de que a

rapariga pensou o mesmo.

Isto do amor próprio demora e a desconstrução do machismo, incutido estupidamente em cada um de nós, também, mas não demorou muito até a vermos com o sorriso gigante na cara, o cabelo curto curtinho, as pernas peludas pouco tapadas pelas saias e o salto alto. E acredita em mim quando digo que não há mulher mais atraente do que a que tem amor próprio. Só lhe falta subir à árvore, mas ora, isso é coisa de rapaz. Já cortou o cabelo e deixou os pelos crescerem e agora mais essa?? Mulher que é mulher senta-se de perna traçada com cuidado para ninguém ver o que não deve, deve ser controlada nas suas ações, deve ser uma boa esposa e uma boa mãe!

Ainda bem que a nossa rapariga ambicionava mais que isto, porque a maior das mulheres é a que tem amor próprio e a que sobe às árvores se é isso que deseja. Melhor que isto era só não ser julgada, mas a mudança não consegue vir toda de uma vez...

Homem sem ambição, nasce já sepultado, com as suas raízes a perfurar o buraco da sua própria campa. Limita-se à felicidade sem esforço, ao contentamento com pouco. E apesar de acreditar que temos de viver a vida, obrigatoriamente felizes, sermos descontentes é acreditar no sonho e pedir por ambição. E quando o formos, haverá amor para todos, de todas as formas e deixará de ser absurdo um rapaz querer dar a um outro rapaz uma estrela e uma rapariga de saias subir uma árvore.

Acreditas na quantidade de amor que acabaste de ler? Talvez te deixe contar esta história a alguém que ames muito, mas pede-lhe para guardar segredo, pode ser? Eles voam...

1 Poema

Sandra Santos

filho, por várias vezes, tentei registar versos
 como ensinamentos
 sabes, a vida acelera e agita o pensamento
 quem é poeta sente o mundo nos nervos
 quisera contar-te que
 todas as noites penso em ti
 ao depositar o rosto fora da janela
 não posso evitar a lua
 [estarás nalguma estrela à espreita?]
 oro pelas árvores pelas ervas pelos bichos
 a uma luz silente, oro
 pela visibilidade do invisível

filho, a tua mãe descobriu o amor
 a liberdade a infinitude

filho, tu és maior que as palavras
 de todos os poemas
 porque me construo te construo
 nos construo / poeira
 nesta noite neste quarto
 nesta janela neste luar

filho, qual é o teu maior segredo?
 habitas-me porque és
 a minha morada mais livres
 e me repito?
 sou foragida
 em todos os lugares a voz se replica
 por isso, todas as células
 são notas musicais que sabemos de cor
 talvez por épocas
 talvez por décadas
 talvez por horas
 tal vez...

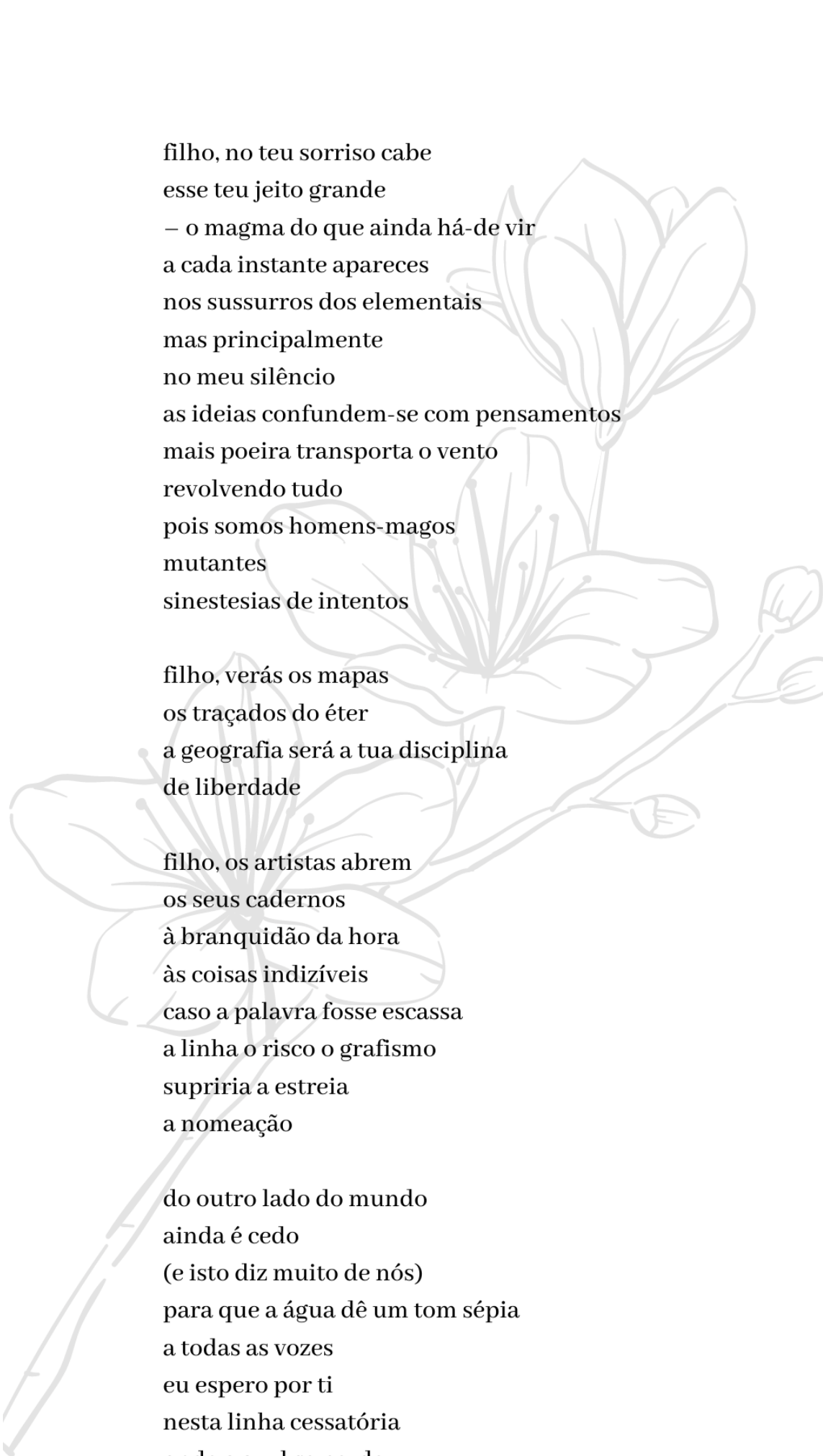
quantas de mim são novas ondas
 desta realidade a que chamo "sandra"?
 lanço a pergunta ao papel
 ele carcome o que é velho

filho, há visões como carne
 maior que a pele é a imaginação

a minha cabeça contém domingos
 possíveis epifanias
 contém luminosidade e cadência
 sem pressa
 apressa-te

filho, há poemas no limbo
 do esquecimento
 versos vagando nos metadados
 do universo
 /quantos de nós vagamos/

mais recto é o mar
 na sua lonjura e voragem
 – quantos de nós doamos
 futuros à noite?



filho, no teu sorriso cabe
esse teu jeito grande
– o magma do que ainda há-de vir
a cada instante apareces
nos sussurros dos elementais
mas principalmente
no meu silêncio
as ideias confundem-se com pensamentos
mais poeira transporta o vento
revolvendo tudo
pois somos homens-magos
mutantes
sinestésias de intentos

filho, verás os mapas
os traçados do éter
a geografia será a tua disciplina
de liberdade

filho, os artistas abrem
os seus cadernos
à branquidão da hora
às coisas indizíveis
caso a palavra fosse escassa
a linha o risco o grafismo
supriria a estreia
a nomeação

do outro lado do mundo
ainda é cedo
(e isto diz muito de nós)
para que a água dê um tom sépia
a todas as vozes
eu espero por ti
nesta linha cessatória
onde o azul se perde
como coisa real por dentro

filho, o mundo é macio
como o pelo dos gatos e dos coelhos
saberão que somos todos um só
líquido amniótico fora do ventre
dias cujos sóis nos amamentam

que pisar o capim
é crescer em altura
mais tranças mais fartura
que provar a fruta
é consumir a alegria
mais raízes mais risos

mais faces rosadas

filho, que pensas?
os números são somatórios
ou extrações do tempo?
a invenção foi sempre o que nos agarrou mais
ao ecrã, não?

ora somos massa ora somos fome
mãos envolvidas em mortes
de cuja certidão nos toca em parte
em nós reverbera um som
difícil de replicar
pudera a noite permanecer
neste verso
em silêncio e névoa

filho, o azul e o verde
são fusões às quais obedece o mundo
a quem de direito eu pediria
"quero saber desenhar"
nunca é tarde
o chamamento é imperativo
abre parágrafo



filho, a tua mãe é uma sonhadora
dividida entre mundos
larga-assenta
a tua mãe quer chão
à vida só faz falta o vento e o voo
nunca te esqueças:
só a ti importa a tua essência
à tua passagem os campos
fazem-se mais férteis
e o rio mais rubro
neste um de setembro
de dois mil e dezanove
com a lua em libra
em que menstuo

filho, o sono contém mistérios
que o corpo assimila
e tu nasces
e nasce o sol de novo
sendo a lua a fase-instante
como grito e respiração
////////////////////
a tua mãe vibra interdita
a tua mãe almeja mais
histórias-como-a-nossa

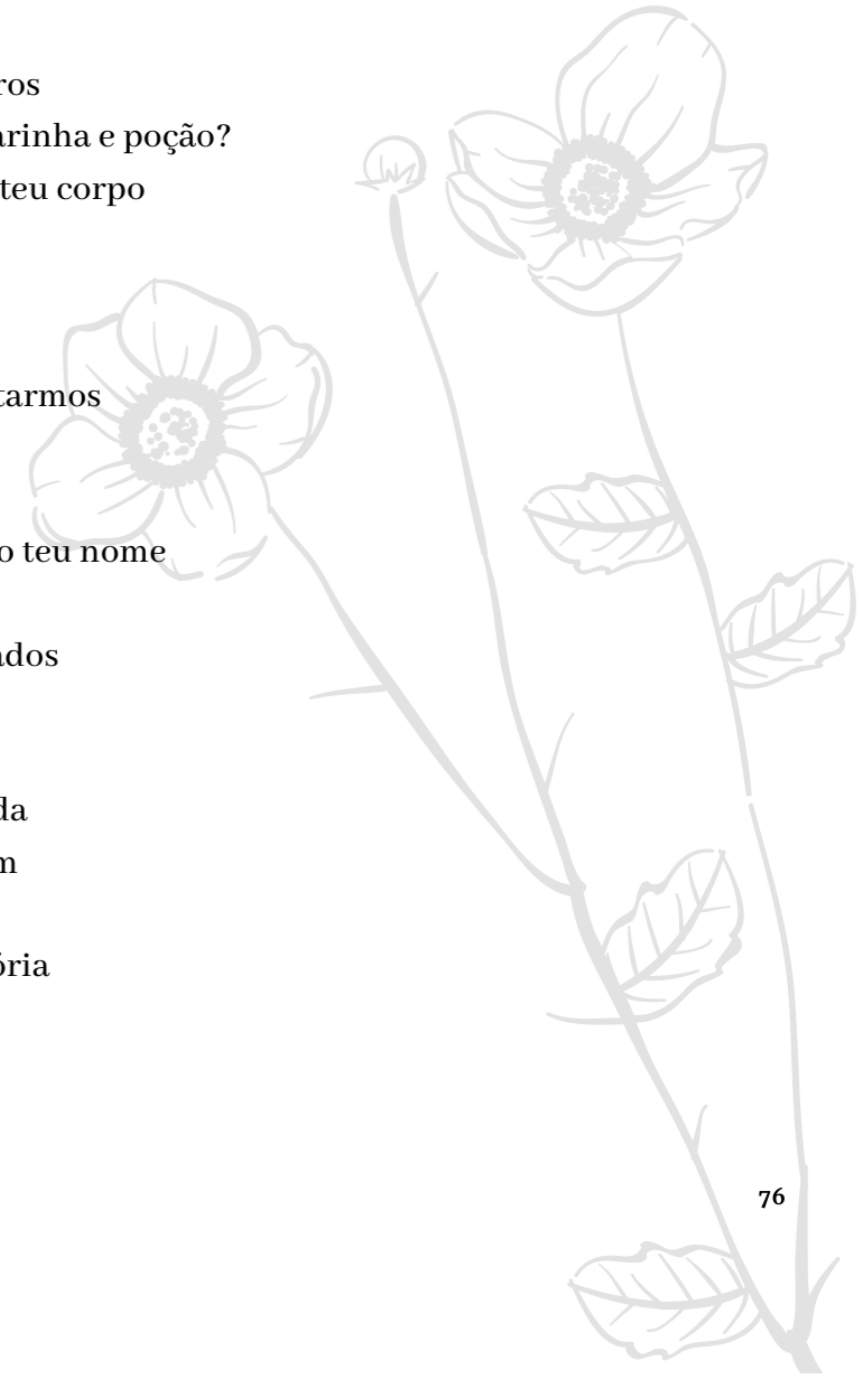


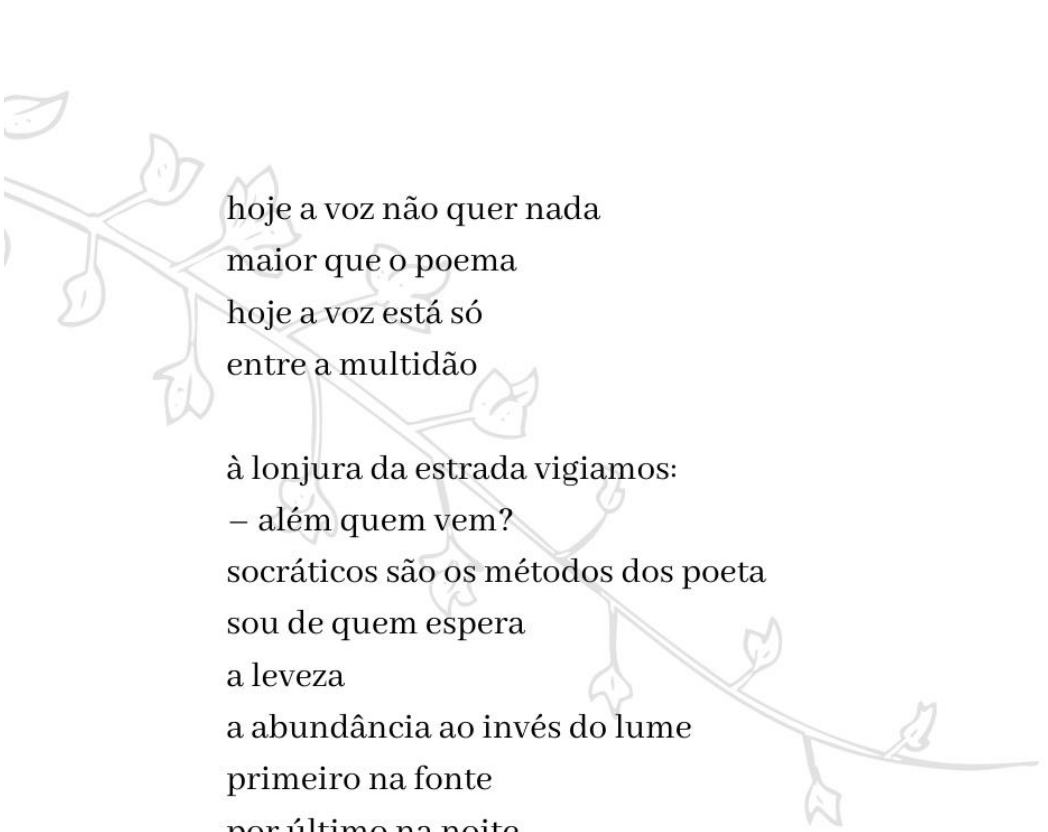
S Poemas

Sandra Santos

talvez a dança nos devolva os passos que demos para trás
e o mundo silencie mundos
nesta casa
o vidro emociona-se
tal a vida dentro
olhamo-nos e já somos outros
quem disse que seríamos farinha e poção?
o palco é a confirmação do teu corpo
sobre o teu corpo
a cada gesto
o ar é cheio de si mesmo
polimos a noite para inventarmos
o toque
courage que já não serve
e só as estrelas perguntam o teu nome

nem eu saberia por que prados
a luz se alastra
nutrimos os caminhos
ao nosso olhar o tempo finda
e nem os nossos pais intuem
lá fora a alegria
a cara magra contém memória
mansidão
neste fim de dia
a caneta é uma seta
apontando o presente
e já dentro
tudo mudou

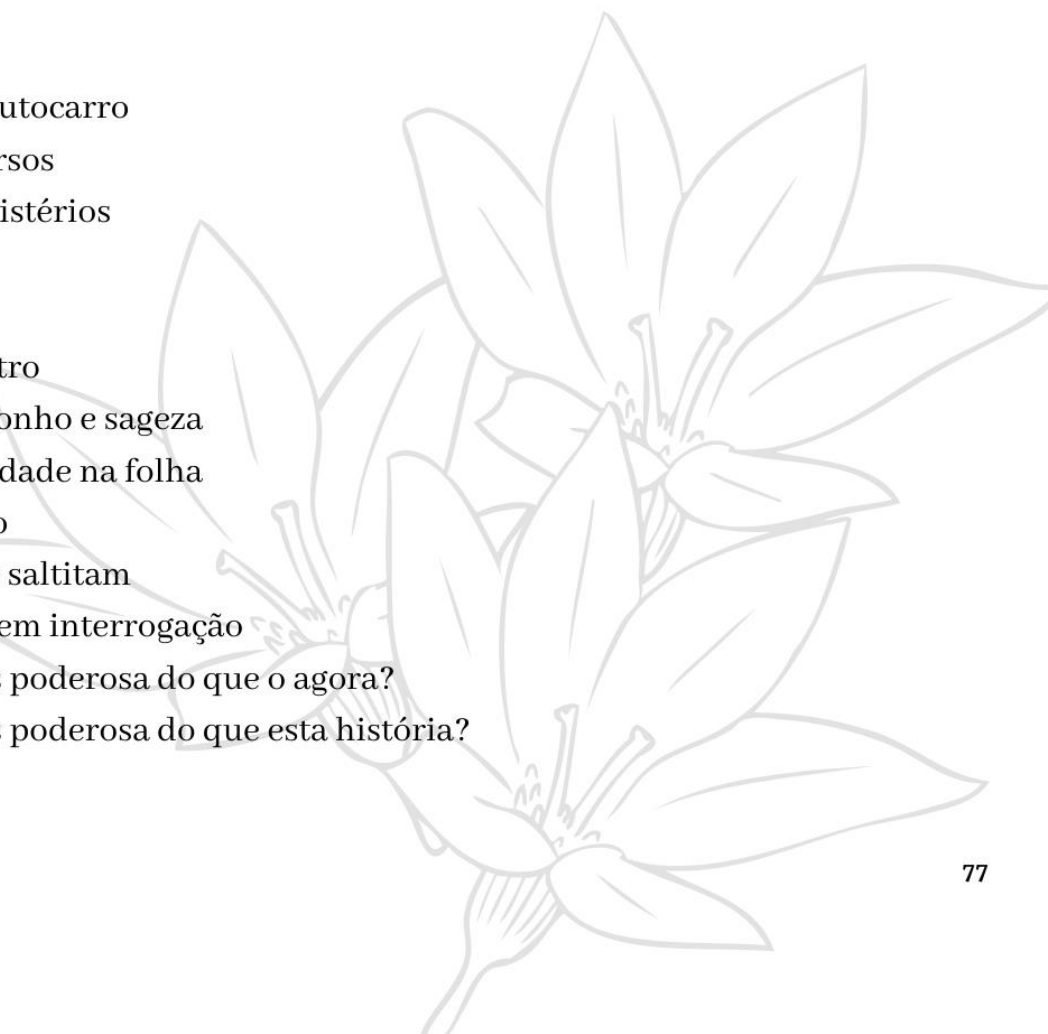




hoje a voz não quer nada
maior que o poema
hoje a voz está só
entre a multidão

à lonjura da estrada vigiamos:
– além quem vem?
socráticos são os métodos dos poeta
sou de quem espera
a leveza
a abundância ao invés do lume
primeiro na fonte
por último na noite

sem rimas de que viveria a sublimação
a repetição?



na paragem de autocarro
montamos os versos
inteligimos os mistérios
mais voraz
a deambulação
a criança de dentro
alternando em sonho e sageza
quanta familiaridade na folha
na palma da mão
também os seres saltitam
de interrogação em interrogação
é a História mais poderosa do que o agora?
é a História mais poderosa do que esta história?



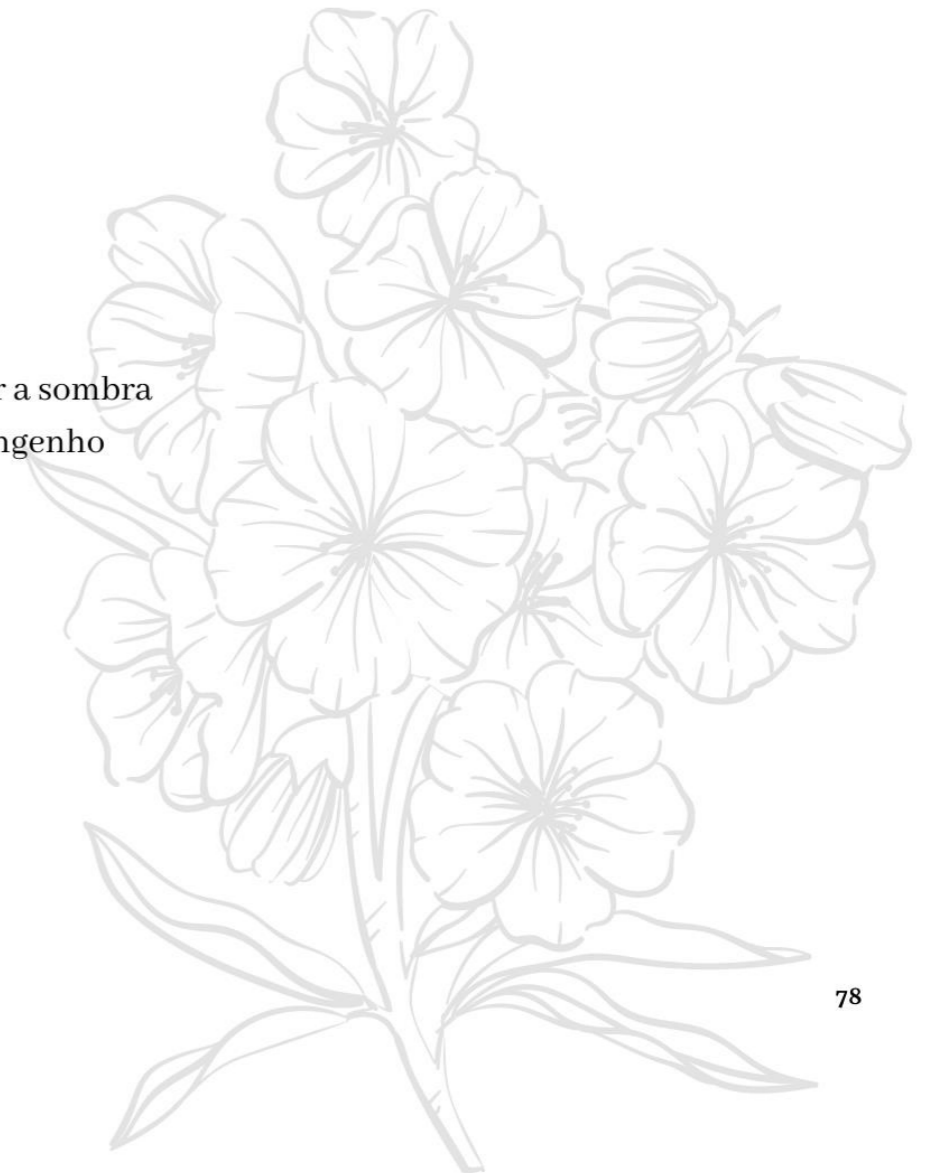
horizontal
onde a brancura é maior do que eu
a que cosmos pertença?
a melodia é a entrada nos lugares
onde me experimento e me projecto
por entre as falas
quantos silêncios
intentam lonjura?
não consigo respirar
não preciso
sou vibro sinto sei
o silêncio é a respiração

fluido
movente
ginasta

ninguém sabe
quicá o desejo invente

quanto maior a luz maior a sombra
maior o oculto maior o engenho

sei, hoje sei, não há véus
branco branco branco
despeço-me
imerjo



3 Cartas

Sandra Santos



CARTA 1 - CONSCIÊNCIA

Por onde tudo começa? Não importa, comecemos!

Quando tomamos consciência da nossa existência e da nossa realidade, despertamos de um sono profundo. Até então, interpretávamos o mundo com os cinco sentidos, em gestos maquinais e automáticos. Como por instinto de sobrevivência, captávamos as informações com os filtros de crenças, padrões, cálculos, vivências e experiências – produto de anos; filtros esses adquiridos em casa, na escola, no trabalho, em grupos, no consumo de meios de comunicação, redes sociais, entre outros. Tudo uma verdadeira amálgama de quem nos tornamos hoje. Mas há um dia, há um dia, que tudo muda...

Façamos esta experiência: num lugar onde possamos estar completamente sozinhos, sem a interferência de nada externo, o que é que escutamos? Aguardemos, pelo menos, um minuto. Pois bem, escutamos tão-só o silêncio. É nesse silêncio interno que nos constituí em que sempre estivemos, mas em que nunca verdadeiramente habitamos. Porquê? Porque sempre habitamos num lugar externo a nós mesmos. Sempre fora. Somos a casa e sempre nos sentimos desalojados. A-casa-é-cá-dentro.

Agora, o convite por que sempre ansiamos: regressemos ao nosso verdadeiro lar – o nosso interior, o nosso silêncio – onde somos infinitamente capazes, seguros e livres. E, a partir daí, construamos os alicerces da nossa jornada na Terra. Sim, comecemos do zero, não importa. Vamos sempre a tempo de nos reencontrarmos connosco mesmos. Vamos sempre a tempo de nos lembrarmos de quem estamos predestinados a ser. Aliás, já somos. Já tudo é perfeito da forma que é. Já somos perfeitos e únicos. E, com o tempo, tudo se transforma e evolui. Simples assim.

Esvaziemo-nos do ruído externo e criemos novas melodias e novos mundos a partir de dentro. O universo já habita em nós, é hora de o explorarmos com avidez, pureza e alegria. O que muda dentro, muda fora. Deixemos a magia acontecer.

Quão grandiosos nós somos e nem sequer sabíamos...

Recomecemos quantas vezes forem necessárias.

CARTA 2 - MORTE

Após o despertar da consciência, ainda enleados, atravessam-nos raios solares que nunca antes havíamos experienciado. É uma luz capaz de nos relembrar da nossa própria humanidade. A inauguração de uma nova etapa, a presença consciente, ficar cheio e não saber administrar tamanha energia. E, de repente, somos pequenos e tudo dói. Morrer não dói, renascer, sim, dói.

O que seria de nós sem a lembrança de quem somos? Mas tudo nos encaminha para a resposta. Porque, no mais profundo de nós, todas as revelações se manifestam a seu tempo.

Ninguém morre, concretamente, é só o corpo que se desapega da matéria. Se assim não fosse, que sentido faria a vida como a conhecemos? Morremos, sim, muitas vezes numa só vida. Daí ser doloroso ter o espírito em reboição num corpo.

Manual de instruções para quem quer morrer sem morrer:

1. Desapegar do ego, do nome, da profissão, dos papéis e etiquetas sociais (tanto papel, tanta etiqueta!);
2. Voltar ao essencial: ao silêncio, aos sorrisos, aos olhares, às sensações primeiras, à natureza;
3. Questionar, questionar, questionar. Aprender, desaprender, construir, desconstruir;
4. Respirar, meditar, sentir, agir: mais;
5. Agradecer. Confiar.

E nos intervalos de qualquer manual de instruções, qual errante profissional, viver a nossa vida como nos der na real gana.

E se nada disto servir, não importa: somos já outros a cada instante.

- Desculpe, quem é?

- Olhe, boa pergunta!

Ainda doendo, aprendamos a respeitar a dor. Ela é a nossa cura. Toda a

polaridade é oportunidade.

- Eu sou um corpo?

- Eu estou num corpo. Eu sou tudo o resto, e não é pouco...

CARTA 3 - PODER

Se temes o próximo, temes-te a ti mesmo. Se amas o próximo, amas-te a ti mesmo.

Ninguém é inferior nem superior. Cada um à sua maneira, é um fragmento completo do Todo.

Pensemos, um planeta é um corpo maior:

– A Terra é a cabeça; a sua estrutura interna e externa é o tronco; os oceanos são os membros superiores; os continentes são os membros inferiores; os mares são os músculos; os países são os ossos; as cidades são as veias; os campos são as artérias; os povos são os órgãos; os animais são nervos; as plantas são os tecidos; tu e eu somos as células.

E, para além do que é visível, tudo o que existe. Tudo o que é. O que está em cima como o que está em baixo, o que está dentro como o que está fora. O que vês quando olhas para as camadas de uma flor – o feminino, a lembrança do portal para este mundo.

Tudo são espelhos; formatos geométricos; impressões ancestrais; sabedoria do intuir.

Somos poderosos e é isso que mais tememos admitir. Isso levar-nos-ia a assumir, por fim, as rédeas da nossa vida. Sem estarmos dependentes de leis, governos, meios de comunicação, influências várias, e o ego primitivo.

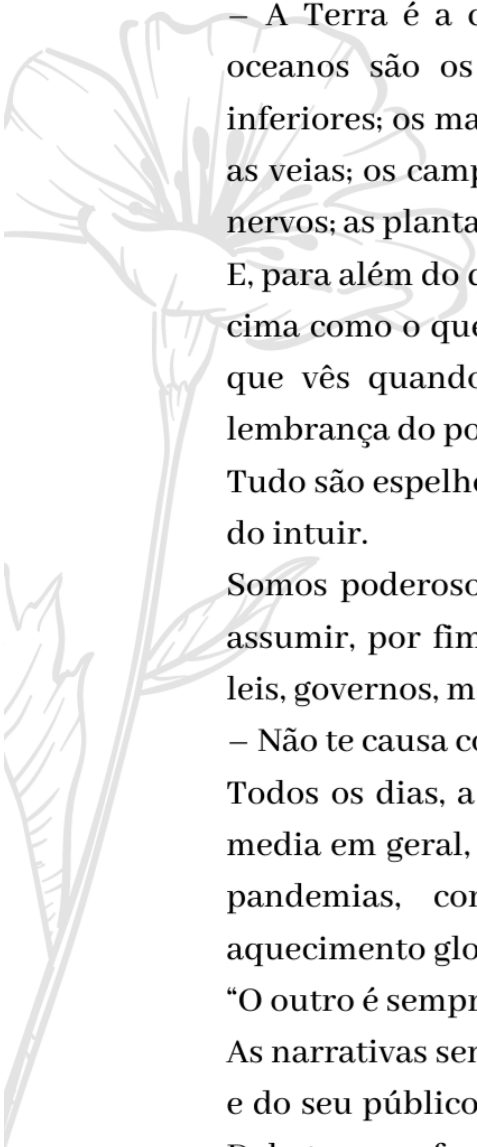
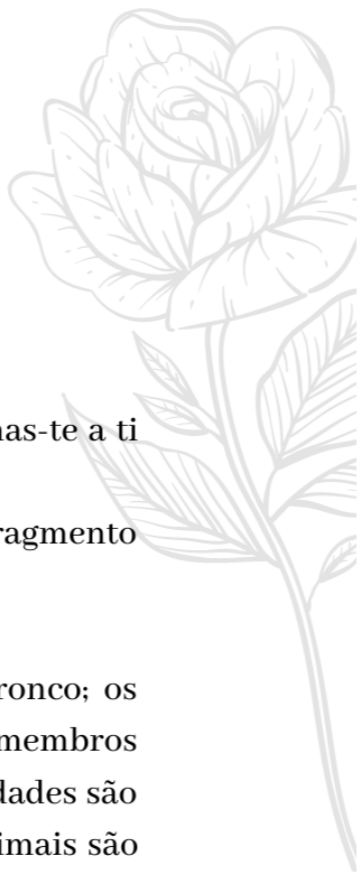
– Não te causa confusão tanta desinformação, tanta contradição?

Todos os dias, a todas as horas, à imagem das televisões, dos jornais, dos media em geral, o mundo consegue ser o pior lugar para se viver. Guerras, pandemias, conflitos, terrorismo, catástrofes humanas e naturais, aquecimento global, desemprego, doenças, corrupção, etc, etc, etc.

“O outro é sempre o inimigo”.

As narrativas sempre foram versões que variam em função do seu narrador e do seu público-alvo. Pensar, analisar, construir um pensamento próprio. Debater, confrontar notícias, alçar a voz (nem que seja só para nós mesmos). Ser livre. Sem desculpas, sem condicionamentos.

Assumir o nosso poder pessoal! Resgatar a nossa liberdade de pensamento e de discurso. Se não formos ainda capazes, meditar, e, nessa meditação,



rever toda a nossa existência até ao dia de hoje.

Somos os narradores da nossa história. Não permitamos que outros se intrometam na nossa essência, na nossa verdade.

Eu sei que, no fundo, tu sabes a que eu me refiro. Ou, pelo menos, a uma das faces desta geometria.

Somos espelhos. Somos criação do mesmo criador.



The Parting

Palita Lemos

Em memória de

Palita Lemos

I tried to clean up space before inviting you in. Hit the cobwebs on each corner with a broom, blew out the dust on every surface, painted over the mold, and picked up some flowers to hide the scent of decay.

I stood in front of the mirror pinching my cheeks, deceiving my reflection into believing there was still some life left in me. Put my hair up in a bun, a loose tendril falling on the side of my face - mother would say it enhanced the beauty in my eyes, I would argue it revealed the sadness behind them.

Rehearsed a smile - the widest anyone has seen me wear -, blamed the half-moon sunder my eyes on DNA and learned to dress my pain in halfhearted fits of laughter. Poured my thoughts down on journals but kept running out of pages, so I wore them on my sleeves instead.

Then the flowers died and fresh mold stained the new coat of paint. The spiders reclaimed their corners and in time, so did the stench. The dust brought tears to my eyes, no beauty in them to behold. The half-moons collapsed underneath them and the illusion of life faded from my cheeks.

Praying to the void left me with bruised knees and a sore throat - unsteadily avoid ingpaths that may send me to both ends of the same gun. I pricked my finger on the spindle of my grandma's spinning wheel but it did not put me to sleep.

Blinded by scorching tears, I got no answer from above. No use looking for it below. I've been in those shoes before. So I'll lock the door behind you, as you cross the threshold.

BecauseBecause I am not the wind, you are not the leaves, and there is no hero meant for me.



O silêncio ensurdecedor que acompanha a perda, abre uma ferida que não cicatriza. Estando vazio, o peito transborda melancolia. As memórias se confundem com sonhos e a noção do que foi real, escapa entre dedos debilitados. O sal das lágrimas nada faz para curar a chaga que a tua ausência deixou.

Bordo o teu nome nos remendos das minhas asas e visto-as com pesar. Sobrevoos as ruas que decoraste com o teu cheiro e faço-me testemunha de que a tua essência não é efémera. Persistes, insistente, em cada recanto. Em mim.

Sou uma casa em chamas, na noite mais fria. Faz-me falta o teu amparo, a tua chuva. A palma da tua mão a aquecer a minha. Agora, o teu gélido toque compete com a neve que fere o rosto. Rasga-me por inteiro e assim fico, inerte.

Desperta e desperta-me. Restaura os ossos estilhaçados e a esperança diluída no ácido que escorre pela face. Ajuda-me a erguer os olhos acima do nevoeiro que domina os meus dias, desde a tua partida. Desfaz o nó da garganta, que subjuga a voz que sangra por ser ouvida.

Regressa e traz de volta as tuas discórdias e incertezas. Troco os meus dias de sol vindouros, por mais uma das tuas tempestades. Serei o teu pára-raios. Desespero pela tua presença, venha ela na forma que for.

Eterno mar de angústia. Anseio perder-me nas suas profundezas, trocar o oxigénio pela lembrança de quando estavas aqui. De ouvir a tua voz e reclamar do teu perfume. Resgatar cada detalhe, que tomei por garantido.

Como me arrependo das vezes em que não te envolvi nos meus braços - de não ter despido o orgulho, após um desentendimento. Daria a vida por mais uma

dessas batalhas. Sentar-me-ia e ouviria cada palavra que escapasse dos teus lábios. Fá-lo-ia em silêncio. Navegaria nas ondas sonoras desse timbre reverberante, que por tantas vezes abalou as minhas estruturas - tantas, mas nunca suficientes.

Desaprendi a sorrir. Procuo-te, incessantemente, nas frases que construímos, nas histórias que criámos. Não podendo escrever contigo, hoje escrevo sobre ti. Em ti, encontrei o meu propósito. Pois ainda há tanto em mim, que anseia fazer por ti.

Eternizei-te na minha pele e o mesmo farei nas minhas palavras. Darei continuidade ao legado que tanto te esforçaste para construir. Querias mudar o mundo e mudaste o meu. Contarei o meu testemunho, para que mudes outros tantos. O peso da tua perda será o meu companheiro. Carregá-lo-ei por onde for.

Dou a mão à dor de não te ter, mas cada dia é um passo em falso. Ando descalça sobre fragmentos de quem fui ao teu lado. Enceno conforto, replicando os teus maneirismos e com a ponta da minha caneta, dou-te vida. Encontro refúgio nas realidades concebidas pela tua mente e aguardo, impaciente, pelo nosso reencontro.

Memórias

Vanessa Bastos

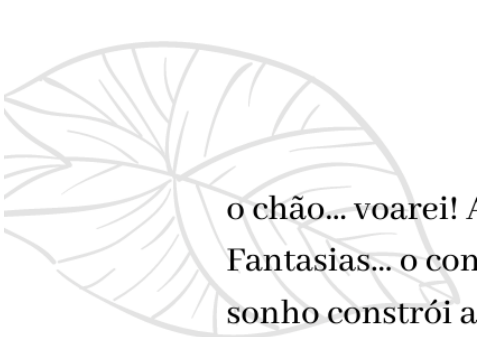
Flores... pego no regador e incremento adornos nos meus cabelos... Os dias passam... muito devagar...
Fez sol ainda cedo, quase de olhos fechados e o medo bem instalado no peito. Fiz birra porque me devaneava ainda pequena, querendo uma fatia de bolo, amando as canções de parentes distantes- um pouco ordinárias... lembranças de medo e vergonha.

Gostava do apelido “guerreiro” dava força à emoção, fazia-me sentir um às de espadas sempre em combate... um Aquiles de saia bem redonda, talvez sete para ser mais tradicional, evocando kitschs étnicos tão artísticos, entalados entre o divino e o diabólico.

Gostava de ir de férias com os meus pais durante o Carnaval. Era tudo visceral, a população, a insurreição... sim! Sou do signo de escorpião... aniquilava com um olhar profundo (sempre em medo) qualquer turba. Não sabia se era rei ou pedinte, quem sabe se sublime ou “decadent”, evocando anjos e demónios do passado. O Carnaval passou das crianças para objectos de investigação académica até ao nada. Futurologia.

Brinquedos tinha muitos, mas não os entendia. Arrancava-lhes a cabeça para não pensarem demais ou se aniquilarem em devaneios e imaginários feitos. A carne não era de plástico. A magia é o magnetismo, a sincronicidade, ajustes na percepção e vigiar sentimentos elevados. O brinquedo é a mente.

Sempre me senti viva fingindo-me de morta. Pois “o poeta é tão fingidor pois finge a dor que de veras sente”, uso livre de ideias, cadáver ruído por insectos. Alma que é matéria e solo fértil. Como a alma é devorada... são várias as paixões que parasitam...Vertigem... evitar olhar para o abismo encarando o sol de frente... resistindo... nem que me atem de pés e mãos e me puxem e tirem-me



o chão... voarei! Acreditarei até a brancura me receber num outro mundo.
Fantasias... o contar e recontar de histórias... A memória mantém-se viva e o sonho constrói a obra.

Um dia de manhã vi uma criança a saltitar em direção a mim, sentido contrário da névoa, indiferente à gélida aragem, à beira de um mar tão imenso e místico... Um verdadeiro corte com o passado, sem associações, elevar-se no momento, sem adivinhar o futuro negro.

No conforto do lar, à janela, vejo uma horta, e penso-me em plena idade média. A Natureza transporta-me para outros tempos, a invernia é tão alemã. O musgo e o caruncho da humanidade liberta-me, pequenos vestígios de flores pela rua são poesia, e a minha escassez de recursos fotográficos incendeia-me a imaginação infantil: tiro fotos com o olhar, e faço desenhos pictográficos sem talento. Bem que gostava de immortalizar certas perspectivas, mas o espírito será eterno, visto que a acção não?

Sinto-me feliz com alguns pensamentos mais refinados para lá do senso comum. Serei inferior perante olhos alheios. A compreensão do normal é tão cega mas cautelosa.

Transbordar de filosofia e poemas é arriscar o sucesso e o prestígio de uma sociedade vã que vive de impressões, demasiado colada à matéria.

Formas e cores, tons quentes e espirais. Alucinação? Arte? Resignificar a vida... O momento é o agora.



Despertar

Vanessa Bastos

Fantasias ao luar... lobas poetisas

recitam as teias que as aranhas teceram...



Uma escova de cabelo caída com vestígios das madeixas avermelhadas da eleita da noite. Bruxaria! Todos comentam. Não esquecer que o feitiço se vira contra o feiticeiro. O sol! Esse é que é a derradeira fogueira. Já foram os tempos em que simpatizava com livros de fantasia mitológica. Agora prefiro os livros empoeirados do passado: exploradores de pureza e a aberração. Fui derrotada pela a solidão preenchida de sonho a realidade! Outro século que já ninguém compreende. Ficar aquém da sociedade, decadente, escondida, procurando esconder a inveja. Acreditar que a pequenez é divina. Abrigando-me, apertando-me a mim própria, forçando a mente e as emoções alutar contra o auto-julgamento, sussurrando: eu sou elevada.... Querendo a antiga pureza mais que nunca afastada. Caí no mundano... os olhares, a paranoia, a impureza lamacenta na minha alma já anã. Quero a escada até às nuvens, mas não a encontro. Agora valorizo as asas que perdi. Eram feitas de bondade, tenho de a reconquistá-la devagar como qualquer um dos mortais- tenho que aceitar que já não sou um deus. Como caí na crueldade tenho de tecer de novo uma criança, cá dentro, sem fim, a imortal! Folhas de acanto douradas nos cabelos. Um pouco aristocráticas, um pouco artísticas, um pouco joviais. O renascer da noite tortuosa. As teias brilham e refletem o sol. Vinhas, com aranhas, trabalhadas em filigrana, talvez em forma de coroa, entrelaçada nos cabelos eriçados carmim. O que está em cima está em baixo: mistura de realeza e instinto. Sinal de uma maturidade e sabedoria que só os simples e humildes compreendem: ainda que esculpidas no mais tórrido sofrimento.

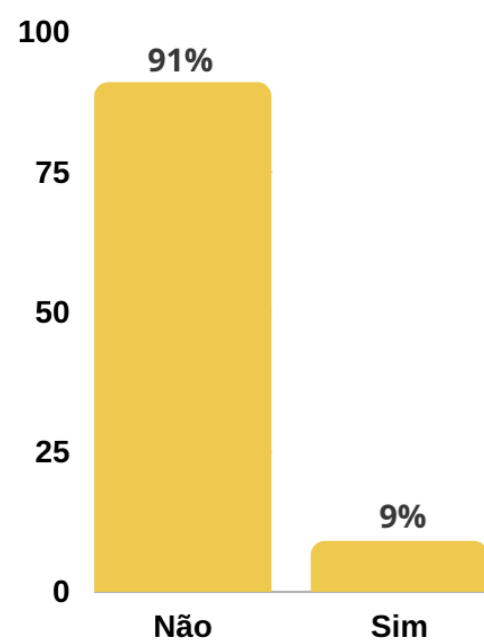
ATUAARTE IV

NÚMEROS E ESTATÍSTICAS

Aqui poderás encontrar vários dados estatísticos do concurso, que ajudam numa melhor compreensão da dimensão e impacto real da 4ª edição do ATUAARTE.



"PARTICIPOU EM ALGUMA DAS EDIÇÕES ANTERIORES?"



SEX RATIO



- A quantidade de trabalhos recebidos aumentou substancialmente, tendo quase duplicado em relação aos recebidos na edição passada;

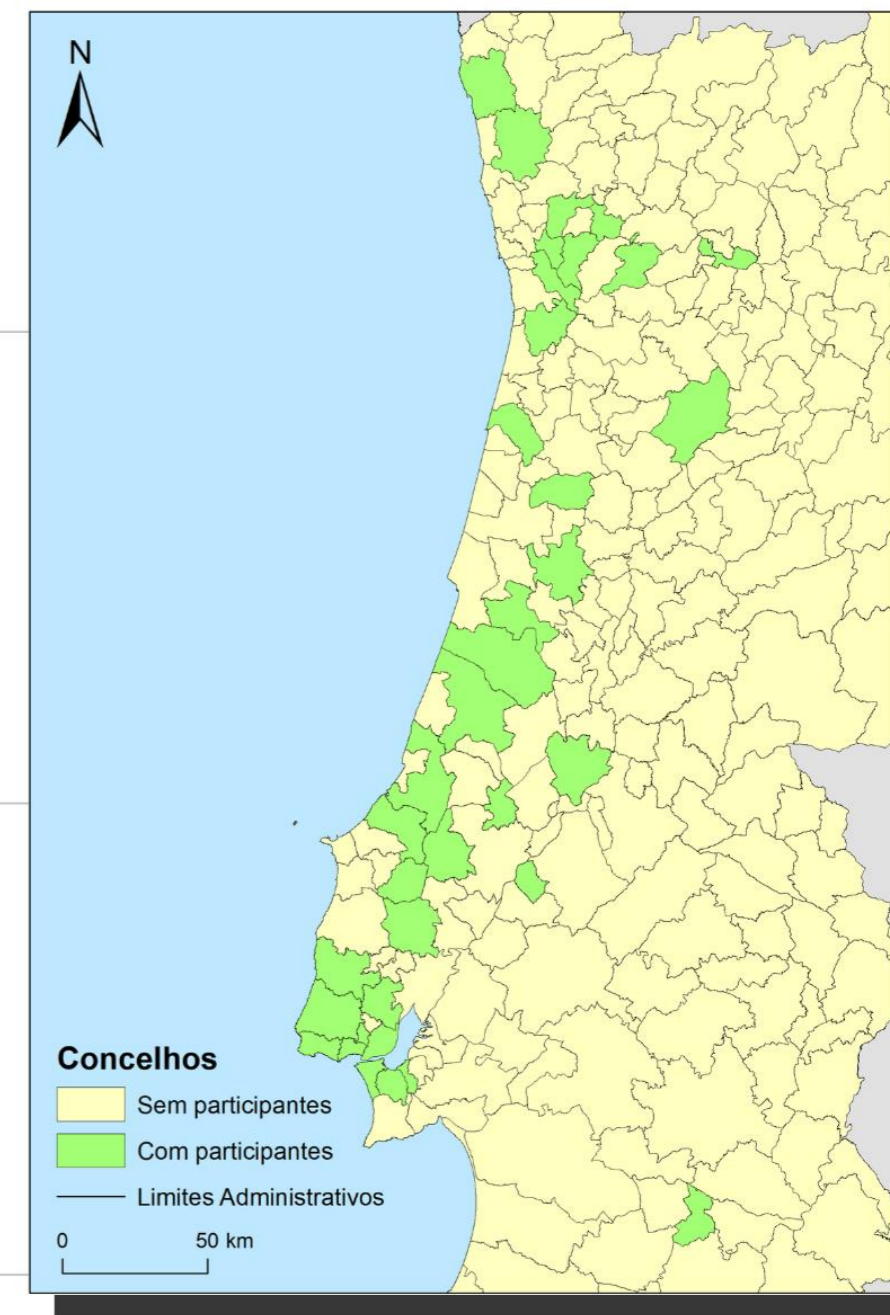
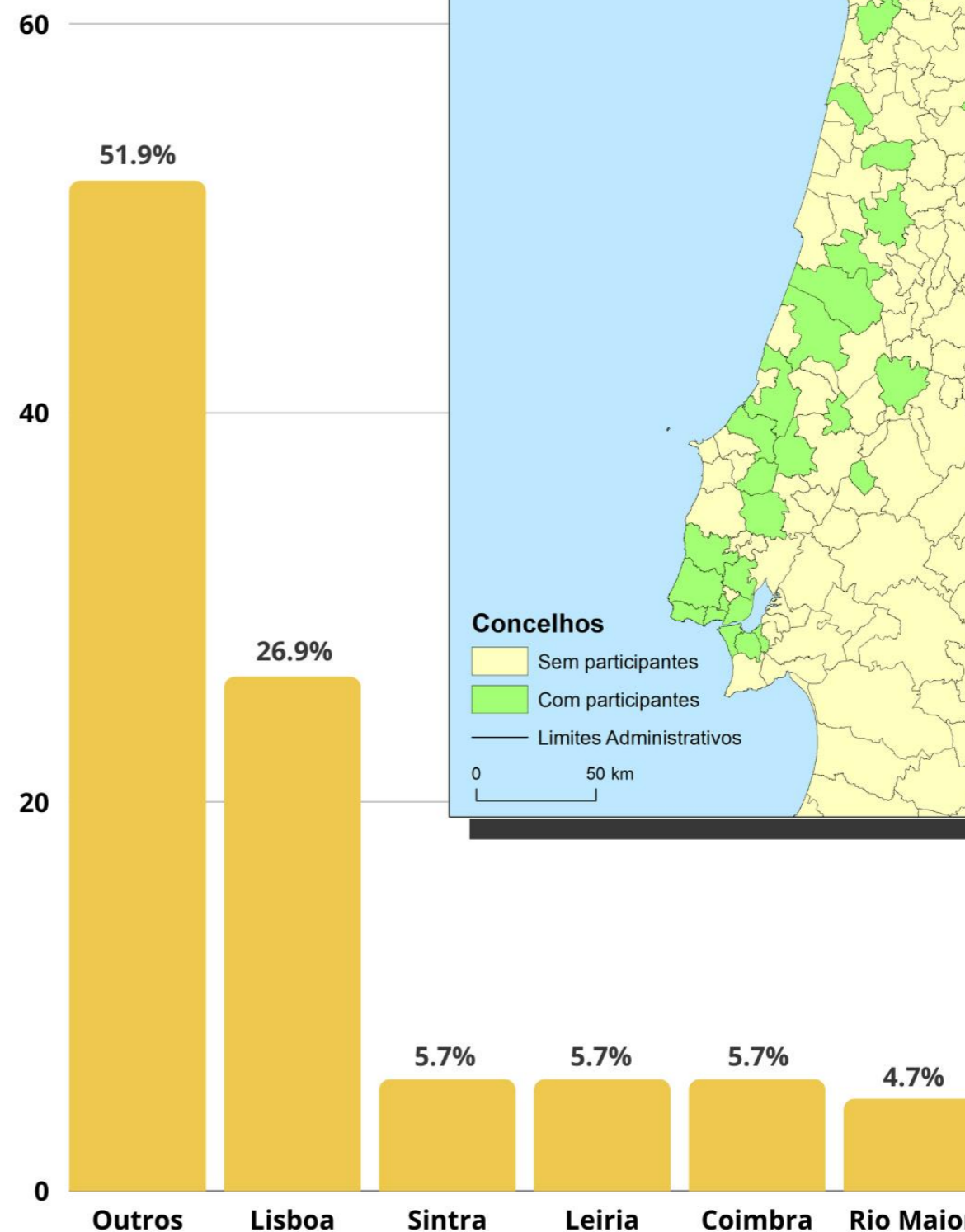
- Nesta edição, o limite de idade foi aumentado de 30 para 35 anos;

- O corpo de jurados de cada categoria passou a englobar duas personalidades que dedicam o seu trabalho a um desses três ramos artísticos;

- Ao invés de concentrada maioritariamente em Lisboa e Vale do Tejo, a presente edição conseguiu atrair participantes de várias outras regiões do país. De igual forma, registou a primeira participação internacional, um brasileiro residente em Rio Grande do Sul, Brasil.

- Os riomaiorenses vencedores de antigas edições Dário Dias, Eduardo Ricarte e David Rodrigues gostaram tanto de participar no concurso que fazem agora parte da sua organização.

CONCORRENTES POR CONSELHO



Apenas os concorrentes que deram autorização têm os seus trabalhos expostos na presente revista.
O conteúdo dos trabalhos não foi modificado, encontrando-se igual a como os autores o enviaram.

Se acredita que encontrou algum erro de informação nesta revista, por favor contacte:

projetoatuaarte@gmail.com